

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
INSTITUTO DE LETRAS E ARTES - ILA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - PPGL
MESTRADO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA DA LITERATURA**

CLÁUDIA BEATRIZ PIO BORGES

**ANA DOS SANTOS E BELL PUÃ: LITERATURA NEGRO BRASILEIRA
FEMININA, A POESIA QUE NASCE NA VOZ**

RIO GRANDE

2024

CLÁUDIA BEATRIZ PIO BORGES

**ANA DOS SANTOS E BELL PUÃ: LITERATURA NEGRO BRASILEIRA
FEMININA, A POESIA QUE NASCE NA VOZ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dra. Rosane Maria Cardoso

RIO GRANDE

2024

Ficha Catalográfica

B732a Borges, Cláudia Beatriz Pio.

Ana dos Santos e Bell Puã: literatura negro brasileira feminina, a poesia que nasce na voz / Cláudia Beatriz Pio Borges. – 2024.
82 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Programa de Pós-Graduação em Letras, Rio Grande/RS, 2024.

Orientadora: Dra. Rosane Maria Cardoso.

1. Poesia 2. Mulher 3. Decolonialidade 4. Autoria feminina negra
I. Cardoso, Rosane Maria II. Título.

CDU 821.134.3(81)-1

Catálogo na Fonte: Bibliotecário José Paulo dos Santos CRB 10/2344



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
INSTITUTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO nº 07/2024

No dia quinze de março de dois mil e vinte e quatro, através de videoconferência, realizou-se a 268ª defesa de dissertação no PPGL-FURG, da mestranda **Cláudia Beatriz Pio Borges**, intitulada "**Ana dos Santos e Bell Puã: literatura negro brasileira feminina. A poesia que nasce da voz**". A sessão foi aberta às catorze horas pela Profa. Dra. Rosane Maria Cardoso (FURG), orientadora da dissertação e presidente da Comissão de Avaliação que também foi composta pela Profa. Dra. Mairim Linck Piva (FURG) e Profa. Dra. Mauren Pavão Przybylski (IFSC). Depois da apresentação, arguição e respostas, a Comissão decidiu que **APROVA** a mestranda neste requisito parcial e último para a obtenção do grau de Mestre em Letras, na área de concentração em História da Literatura. Após, a presidente publicou o resultado e encerrou a sessão, da qual foi lavrada a presente ata.

Documento assinado digitalmente
 ROSANE MARIA CARDOSO
Data: 29/04/2024 19:21:32 -0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profa. Dra. Rosane Maria Cardoso (FURG)

Documento assinado digitalmente
 MAIRIM LINCK PIVA
Data: 29/04/2024 19:11:39 -0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profa. Dra. Mairim Linck Piva (FURG)

Documento assinado digitalmente
 MAUREN PAVAO PRZYBYLSKI
Data: 19/04/2024 17:48:12 -0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profa. Dra. Mauren Pavão Przybylski (IFSC)

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a minha mãe, que lia fotonovelas e comprava revistinhas em quadrinhos para mim, incentivando minha leitura, meus estudos, os quais ela não pode terminar, pois - como ela diz - precisou trabalhar ainda adolescente.

Em segundo lugar, às minhas professoras/es que foram exemplos nesse longo tempo de caminhada estudantil, representadas pela imagem da minha primeira professora Maria Helena, que segurava minha mão para ensinar o formato das letras e me deu um livro no final da primeira série; na da minha orientadora Rosane Maria Cardoso, um presente que ganhei nessa pós, a qual ensinou-me muito e foi bastante paciente ao perceber minhas limitações e auxiliar no meu crescimento enquanto pesquisadora.

Em terceiro, agradeço aos grupos de pesquisa aos quais participo, locais de pessoas que incentivam a busca por novos conhecimentos e novas pesquisas.

Não posso esquecer das pessoas que incentivaram, apostaram na minha conquista e estiveram sempre junto; aquelas que mesmo a distância, não me deixaram desistir... mulheres que, como eu, lutam por estudo, trabalho, educação e por crescimento pessoal: meu muito obrigada as amigas Julia, Lilian, Paula que incentivaram e incentivam minhas loucuras literárias. A Prof.^a Mauren Pavão Przybylski que além de ter sido membro banca é um exemplo como pesquisadora.

Às colegas da dança, por compreenderem os dias que faltei, que não ensaiei porque precisava estudar, ler, escrever, participar de outros eventos em função do mestrado. Aos colegas do trabalho: por apoiarem meu tempo para estudo e entenderem que é uma forma de crescimento. E, também, aos colegas do Programa de Pós-Graduação em Letras, bem como à Secretária do Programa, Isabel, que nos auxilia com dúvidas e está sempre pronta para nos ouvir.

E, por último e mais importante, agradeço ao Vagner, meu esposo, por compreender os dias que fiquei trancada estudando, participando de reuniões e afastada da família.

RESUMO

O presente trabalho se propõe a analisar a poesia de autoria feminina negra brasileira, através da poética contemporânea de Ana dos Santos e Bell Puã, em seus livros *Pequenos grandes lábios negros* e *Lutar é crime*, respectivamente. Essa poética vem de um espaço de manifestação periférico, em termos de legitimação de seu fazer e é uma poesia que surge em saraus e *slams* e chega na escrita trazendo as escrevivências das autoras que, em seus textos, discutem o cotidiano da mulher negra, a solidão, o patriarcado, e racismo. A pesquisa, de cunho bibliográfico, levará em conta as discussões teóricas sobre gênero, decolonialidade e literatura de autoria feminina negra brasileira, com base em Lucía Tennina, Beatriz Nascimento, María Lugones, Audre Lorde entre outras/os.

Palavras-chave: poesia, mulher, decolonialidade, autoria feminina negra.

RESUMEN

El presente trabajo se propone analizar la poesía de autoría femenina negra brasileña, a través de la poética contemporánea de Ana dos Santos y Bell Puã, en sus libros *Pequenos grandes lábios negros* e *Lutar é crime*, respectivamente. Esa poética viene del espacio que surge en *saraus* e *slams* e llega en la escrita, trayendo el *escrevivir* de las autoras que, en sus textos, discuten el cotidiano de la mujer negra, la soledad, el patriarcado y el racismo. La pesquisa, de carácter bibliográfico, llevará en cuenta las discusiones teóricas sobre género, decolonialidad y literatura de autoría femenina negra brasileña, fundamentado en Lucía Teninna, Beatriz Nascimento, María Lugones, Audre Lorde entre otras/os.

Palavra chave: poesía, mujer, decolonialidad, autoría femenina negra.

Na mão
Ele tinha um livro
Foi detido
(Lilian Rocha)

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS: QUEREMOS CONTAR OUTRAS HISTÓRIAS.....	11
CAPÍTULO 1: QUANDO EMPUNHEI A VOZ: A AUTORIA NEGRA FEMININA NO BRASIL.....	14
1.1 Lábios negros: lutar não é crime.....	18
1.2 Chegando a um lugar: autoria negra feminina.....	20
1.2.1 Autoria feminina negra e a contemporaneidade na literatura.....	20
1.2.2 Mulheres negras em coletivo.....	27
1.3 Caminhos com volta: a poesia feita maior.....	31
1.4 Aprendendo a fazer mantras: quando a voz das poetas surge.....	33
CAPÍTULO 2 CANÇÕES DE TRABALHO: CONTRARIANDO COLONIALIDADES.....	36
2.1 (Des)controle sobre o silêncio: entre lugares de fala e de apagamento.....	36
2.2 (Des)encaixe ao poder: a colônia e o quilombo.....	43
2.3 (De)colonialidade à deriva: aquilombamento e poesia.....	46
CAPÍTULO 3: ESCRITORAS: NEGRAS MULHERES EM VOZ E ARTE.....	51
3.1 Ana dos Santos: escrever é ocupar vazios.....	55
3.1.1 Poeróticos: gozando cada palavra.....	56
3.1.2 Língua: com os verbos, eu existo.....	58
3.1.3 Poenegros: cheiro de pólvora.....	61
3.1.4 Ana dos Santos: armada e de braços abertos.....	62
3.2 Bell Puã: o que me liberta.....	65
3.2.1 Peso: feito mocinha.....	67
3.2.2 Contrapeso: e os canalhas?.....	70
3.2.3 Bell Puã: quando é preciso pesar a voz.....	72
3.3 Ana e Bell: brotos que furam o asfalto.....	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS: O AMOR VEM VENCENDO ESSA GUERRA.....	78
REFERÊNCIAS.....	81

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Símbolo da comunidade Slam no Facebook.....	34
FIGURA 2 - Bell Puã em performance.....	45
FIGURA 3 - Ana dos Santos.	52
FIGURA 4 - Sopapo Poético... ..	54
FIGURA 5 - Instagram da autora Ana dos Santos.....	55
FIGURA 6 - Capa do livro <i>Pequenos Grandes Lábios Negros</i>	57
FIGURA 7 - Ana dos Santos.	65
FIGURA 8 - Capa do livro <i>Lutar é crime</i>	66
FIGURA 9 - Slam B R.....	68
FIGURA 10 - Final do Slam BR - 2017	72

CONSIDERAÇÕES INICIAIS: QUEREMOS CONTAR OUTRAS HISTÓRIAS

*Nós temos que priorizar nossa própria escrita e a escrita de mulheres do terceiro mundo.
Gloria Anzaldúa*

Início este texto com a frase de Gloria Anzaldúa porque acredito que expresse exatamente como começou a pesquisa. No início era a palavra, a palavra que me movia, queria escrever sobre a escrita de mulheres. O fato de ser mulher e escritora motivou tal interesse. E quais escritoras pesquisar? Não queria falar sobre o que já se fala, o que já se sabe, os grandes nomes - que são poucos - das mulheres escritoras brasileiras canonizadas.

Não tinha ideia ainda do que eu iria pesquisar, mas fazer parte de grupos de leitura de autoria feminina e escrever com grupos os quais em sua maioria são compostos por mulheres foi um estímulo para priorizar a escrita feminina na pesquisa. Perceber que toda essa quantidade de mulheres escrevendo, sendo lidas e discutidas por outras mulheres, não está na lista das grandes editoras foi outro ponto relevante para meu interesse sobre a escrita de mulheres. Em geral, são escritos que precisamos buscar ou comprar com o próprio autor para ter acesso. Não há uma grande circulação dessa literatura que acaba por ficar nas pequenas livrarias, nos sebos, sendo mais difícil chegar ao grande público.

Tudo isso fez o interesse pela escrita de autoria feminina crescer. Falar sobre como é ser escritora no Brasil, escrever, publicar, divulgar a sua literatura, sobre a literatura de autoria feminina era o pontapé inicial do projeto que foi se formando. Até então a literatura não tinha cor, só gênero e classe.

Ao participar de dois cursos - Poéticas Orais e Pensamento Decolonial (2020) e Literatura Brasileira Contemporânea Feita por Mulheres (2021), conheci a poesia de Ana dos Santos e de Bell Puã, respectivamente, além de ser apresentada as próprias poetisas que participaram dos cursos, ministrando aulas ou mesmo fazendo um “bate papo” com os discentes.

Eis que escolhi para pesquisa duas poetisas negras, não foi proposital. Aconteceu! A escrita delas, os poemas, a mensagem e ver a atuação delas em cursos que fiz, conversar com as poetisas que falavam sobre seu fazer foi o determinante para a eleição destas autoras. Eram elas e sua literatura que eu queria pesquisar.

Seus poemas falam não apenas de ser mulher e dos temas feministas e de classe social, lutas que conheço e faço parte, inclusive escrevo sobre; falavam de algo que eu não conhecia

de perto: falam de sua negritude. Eu investigava mulheres e sua escrita, lendo poetisas com as quais partilho muita opinião literária e diria que política também; e descobri que a poesia tinha cor. Vivemos num país extremamente racista. Um racismo estrutural, enraizado, que estava escondido, velado, mas que digamos os racistas passaram a se assumir como tal nos últimos anos. Segundo Lorde (2019) “A literatura de mulheres negras está cheia de dor de agressões constantes.” Essa dor que Lorde fala é o preconceito, o racismo, o sexismo, todos juntos, dor que passo a estudar mais profundamente e tentar compreender; visto que a mulher como um todo foi silenciada por muito tempo e a mulher negra invisibilizada.

O referido tema se justifica a partir da necessidade de trazer para os estudos literários esta literatura periférica¹ - fora do eixo Rio X São Paulo - poetisas que estão fazendo e divulgando poesia a partir das possibilidades que se apresentam. A importância dos temas atuais de suas poesias, de suas falas e de sua resistência fazem com que o tema se justifique como parte da análise da literatura que começa a ser estudada em vários artigos acadêmicos e que precisa de análise e observação. O estudo da literatura escrita por mulheres negras é pertinente.

Além dos temas tratados na sua poesia, é congruente estudar sobre elas, analisá-las como uma categoria literária silenciada. Perceber essas poetisas com olhar decolonial é de grande importância para tratar de sua literatura pois,

A prática decolonial na poesia de slam de mulheres se encontra claramente nessa opção por propagar sua poesia e falar sobre suas urgências. Não que as poetisas não queiram falar sobre o mar, a natureza e/ou outras questões do dia a dia, mas, tendo galgado um espaço importante, urge que o utilizem para dar visibilidade tanto às outras mulheres que não tem, quanto às suas questões mais profundas relacionadas à violência doméstica, machismo, racismo, marginalidade, preconceitos em relação às suas mais variadas escolhas. (Przybylski, 2012 p. 100)

As poetisas que apresentarei tratam destes temas de forma tão impactante; não somente na poesia falada, mas na sua escrita, nas suas publicações, nos livros que serão pesquisados, sendo de grande relevância para os estudos literários.

No primeiro capítulo, trago a poesia de autoria feminina negra com conceitos que buscarão justificar a escolha pela nomenclatura. Discutirei a questão da terminologia, sem fechar o assunto, apenas para definir o termo usado e as escolhas que fiz. Irei falar dos Saraus e Slams e de conceitos outros para compreender essa literatura que sempre existiu, mas ficava

¹ Periférica por fazer parte da periferia literária, vir da periferia, tratar dos temas periféricos, são autoras que participam de saraus e slams, periféricos.

“esquecida”; uma literatura que se propõe emancipatória frente ao apagamento histórico da mulher negra na literatura brasileira.

No segundo capítulo, apresento algumas teorias de pós-colonialismo, decolonialidade e contracolonialidade, para conversar sobre a escrita feminina negra brasileira. Esclarecer esses pensamentos, que há pouco chegaram na academia, é primordial para compreender essa poesia e as escrituras das poetisas aqui apresentadas. A escrita feminina negra brasileira é uma escrita que se propõe romper com padrões.

O terceiro capítulo chega com a apresentação das poetisas Ana dos Santos e Bell Puã, sua escrita, sua performance na voz e sua participação nos coletivos, discutindo sua poética a partir dos livros *Pequenos grandes lábios negros* de Ana dos Santos e *Lutar é crime* de Bell Puã. Meu objetivo não é adentrar nos textos em uma análise aprofundada, mas olhá-los como representativos da luta das autoras, para mostrar do que falam, como sua poética se configura, como são representativos da resistência delas.

Por fim, trago as considerações finais da dissertação que tomou forma e chegou à escrita. Procurei trazer também um aporte teórico baseado em autoras negras, já que a escrita de mulheres negras é o cerne da questão.

1 QUANDO EMPUNHEI A VOZ: A AUTORIA FEMININA NEGRA NO BRASIL

Ser capaz de usar toda a extensão da própria voz para expressar a totalidade do ser é uma luta recorrente na tradição das [mulheres negras] escritoras.

Barbara Christian

A literatura costuma privilegiar o homem/branco, como escritor, como poeta, cabendo à mulher/escritora um segundo plano. Quando se fala em escrita e poesia, poucos lembram da escrita das mulheres. A mulher, por estar numa posição marginalizada levou mais tempo para se destacar na arte literária, ficando nesse lugar mesmo dentro de grupos subalternizados, como nos explica Tennina:

Paralelamente a las manifestaciones para resignificar el papel de la mujer promovidas desde los *saraus* de poesía de las periferias, las mujeres identificadas con la Literatura Marginal-Periférica, por su parte, vienen desarrollando desde hace algunos años sus propias reflexiones frente a su condición de estar doblemente excluidas (por la clase y por el género)... La particularidad de este conjunto se encuentra en que ellas no solamente sufren la exclusión de clase, sino también la de género, y esta exclusión es provocada solamente por los grupos hegemónicos sino por los mismos hombres periféricos. Serían algo así como subalternas de los subalternos, dominadas de los dominados. (Tennina, 2016, p.65)

A partir da minha experiência na escrita e nos grupos de escrita e leituras de autoria feminina, surge o interesse de escrever sobre a escrita de mulheres. A autoria feminina, que sofre com esse silenciamento, foi o primeiro objeto de pesquisa. Faltava escolher a autora ou autoras que seriam objeto de pesquisa.

Nessa busca, cheguei a Ana dos Santos e a Bell Puã, ou elas chegaram a mim, com sua literatura, sua voz, sua escrita. E a pesquisa passou a ser sobre autoria negra feminina e literatura negra brasileira, poesia na qual aparecem além da exclusão de classe e gênero, a exclusão pela sua cor de pele.

Foi necessário pesquisar para além da literatura no intuito de mostrar, a partir dela, a importância dessa escrita de gênero e de cor, carregada de dores. Não bastava falar de autoria feminina, mas daquela da mulher negra, escritora, poeta e de seus tantos outros papéis - múltiplas! -, fruto do seu talento, seu trabalho, seu estudo, suas lutas para chegar “num lugar que sempre lhe foi negado” (Puã, 2019) e, também, da exploração capitalista sobre seus corpos.

Para falar da literatura negra brasileira, foi preciso pensar essa literatura não como objeto de pesquisa em si, mas como uma literatura com identidade, com rosto, com voz, com temas necessários ao seu crescimento, desenvolvimento e tradição, conforme Guimarães-Silva e Pilar (2019) uníssonas a fala de outras autoras, tais como Vera França e Grada Kilomba.

Filiamo-nos às autoras, então, para afirmar que a identidade está intimamente relacionada com a noção de sujeito. Ou seja, a existência subjetiva, simbólica e representacional do sujeito é propiciada por suas interações e aparições. O silenciamento é uma forma de apagamento da existência do outro nas mais diversas dimensões das relações sociais e, portanto, no mundo. Assim, analisar os sujeitos subalternizados como objeto de pesquisa, respeitando sua posição de sujeito no mundo social, exige do pesquisador um esforço para deixar os discursos, as narrativas, as estruturas nas quais esses sujeitos estão inseridos emergirem. (Guimarães-Silva e Pilar, 2019, p. 39)

A escrita dessas mulheres está carregada de suas narrativas, de discursos e de estruturas que as faz distintas, as faz parte integrante de uma literatura negra brasileira. Há muito da escrevivência de que nos fala Conceição Evaristo: “Essa condição de ser e escrever sobre as experiências de uma mulher negra na sociedade brasileira é o que conceitua o termo escrevivência” Guimarães-Silva e Pilar (2019). E ainda, segundo a própria autora Evaristo (2021) “eu começo a fazer um jogo entre escrever-viver, escrever-se-ver, escrever-se-vendo, escrevendo-se, até chegar ao termo *escrevivência*” As escritoras negras têm uma poética carregada de vivências sentidas na pele, percebidas pelo olhar, que tocam a alma:

Eu já morri cem vezes,
nas fogueiras da inquisição,
nos campos de concentração,
na escravidão negra. (Santos, 2020, p. 53)

Na escrita, as autoras negras brasileiras irão tratar dos temas que as transpassam: raça, gênero, classe; eles surgem naturalmente, o que as leva à interseccionalidade.

Ainda falando das escrevivências Laura Araújo fala de Bell Puã, marcada pela cor da pele, no livro *Lutar é crime*:

Nesta obra a autora não se coloca dentro de um eu lírico, traz suas próprias experiências, escrevivências como ferramenta em seu fazer artístico e produção de conhecimento, entendemos esse trabalho como uma ponte de identificação em um trabalho estético primoroso. O potencial político das escritas sobre si mesmo, particularmente quando executada por grupos alterizados reprimidos, que sofreram inúmeros processos de apagamento de suas especificidades, oportuniza que o “lixo” fale (parafrazeando Lélia Gonzalez) e se autorrepresente, não mais aceitando estereótipos. (Araújo, 2023, p. 169-170)

A poética de autoria negra trata dos temas da poesia que são recorrentes na poesia de resistência, das autoras que escolheram soltar a voz, a fala, a escrita sobre assuntos que as fere e fere outras mulheres que não estão inseridas no mundo, tais como: sexismo, luta de classes, racismo. E quando se fala em racismo, naturalmente todos os outros temas acabam aparecendo, as lutas se confluem. Ao longo do capítulo, falo sobre as autoras que me auxiliaram a compreender o caminho que precisava trilhar para a pesquisa sobre a escrita de autoria feminina negra.

A luta feminista vem de muito tempo. Inicialmente, as mulheres lutaram para que pudessem ser alfabetizadas, pois ler e escrever não eram necessários para cuidar da casa e dos filhos. Após, a luta por melhores condições de trabalho, pelo voto e por igualdade; mas que igualdade era essa tão falada no feminismo? As mulheres das classes mais pobres e as mulheres negras já trabalhavam fora quando as feministas brancas começaram a lutar para trabalhar fora. As lutas feministas não contemplavam toda a nossa população de mulheres. Infelizmente, o movimento feminista demorou muito para se atualizar e incluir as lutas raciais em suas pautas. Conforme fala Díaz-Benítez:

...as feministas negras evidenciaram que seria impossível atingir uma sororidade feminista sem enfrentar os temas de classe e de raça, e foi assim que foram se abrindo espaços para pensar as desigualdades de gênero em relação a outros marcadores sociais de diferença. (Díaz-Benítez, 2020, p. 267)

Somente com a luta de mulheres negras, que começaram a se organizar e a mostrar a necessidade da luta racial ser incluída na pauta das lutas feministas, que o movimento começou a mudar, assim como os feminismos, que são múltiplos. Há o feminismo indígena, o feminismo das comunidades lgbtqiapn+, o feminismo negro, etc. Assim, a mulher negra, segundo Ferreira e Migliozi (2016) foi o ponto de intersecção entre dois grupos e não se encaixou em nenhum deles, pois o movimento negro mostrou-se machista e o movimento feminista racista.

Lélia Gonzalez (2020) entendia que as mulheres tanto negras como indígenas sofreram e sofrem uma violência muito maior. Essa dupla violência, que foi infligida às mulheres por serem negras e/ou indígenas foi, por muitos anos, esquecida, não vista ou deixada de lado, propositadamente. A elite burguesa branca tornou o Brasil um país sem racismo, visto que era um povo miscigenado e por muito tempo essa universalização dos seres escondia ‘embaixo do tapete’ a sociedade racista existente. Esse método de apagamento foi tão eficaz

que tornou as lutas e falas mais fracas, trouxe dificuldade de enfrentamento, dando a impressão que países como Brasil, Argentina, Uruguai, entre outros, não contavam com presença do povo negro ou mesmo indígena. A cultura do branqueamento usou inclusive de repovoamento com novos povos trazidos da Europa, como nos fala Lélia Gonzáles:

O racismo latino-americano é bastante sofisticado para manter negros e índios na condição de segmentos subordinados no interior das classes mais exploradas, graças à sua forma ideológica mais eficaz: a ideologia do branqueamento. Veiculada pelos meios de comunicação de massa e pelos aparelhos ideológicos tradicionais, ela reproduz e perpetua a crença de que as classificações e valores do Ocidente são os únicos verdadeiros e universais (Gonzáles, 2019, p. 359)

Segundo Sueli Carneiro, em *Enegrecer o feminismo* (2020), é necessário que a mulher negra, historicamente silenciada, tenha representatividade dentro do movimento feminista, que o feminismo abarque também as questões raciais:

Esse novo olhar feminista e antirracista, ao integrar em si tanto as tradições de luta do movimento negro como a tradição de luta do movimento de mulheres, afirma essa nova identidade política decorrente da condição específica de ser mulher negra. O atual movimento de mulheres negras, ao trazer para a cena política as contradições resultantes da articulação de variáveis de raça, classe e gênero, promove a síntese das bandeiras de luta historicamente levantadas pelos movimentos negro e de mulheres do país, enegrecendo, de um lado, as reivindicações das mulheres, tornando-as assim mais representativas do conjunto de mulheres brasileiras, e, por outro lado, promovendo a feminização das propostas e reivindicações do movimento negro. (Carneiro, 2019, p. 315)

As escritoras e intelectuais negras denunciam a situação da mulher negra, de como a sociedade tem tratado o tema, como tem tratado essas mulheres, revelando quem é essa mulher, quais direitos ela tem. Para Ferreira e Migliozi (2016), as escritoras negras procuram “ressignificar palavras e valores distorcidos pela Literatura Canônica”. Essa literatura, que sempre viu essa mulher como um corpo sexualizado ou para o trabalho, precisa se reconstruir e somente as escritoras negras para realizarem a tarefa de escrever sobre suas vivências e seus direitos, denunciando, assim, suas realidades para o mundo, através da escrita a realidade racial do Brasil:

Os textos destas escritoras afrodescendentes revelam vários contornos de uma face-mulher ocultada, e a visibilidade dos rostos-vida é desenhada nas falas da existência. Ao assumir a voz-mulher, as escritoras afro-brasileiras ampliam o significado da escrita feminina brasileira, revelando uma identidade-mulher que não é mais o “outro” dos discursos. Afirmam uma identidade-mulher-negra que revela que sempre esteve lá, no “lugar do silêncio”, dentro do outro silêncio-mulher-branca, na singularidade e na subjetividade da experiência única de ser mulher negra no Brasil, que, em seus vários aspectos, é contemplada pela criação dos textos

literários, evocando os mais diferentes aspectos, expondo a complexidade que reveste o ser mulher na sociedade brasileira. (Alves, 2010, p. 186)

Ana dos Santos e Bell Puã, apresentadas nesta dissertação, são mulheres que tiveram a oportunidade de estudar, de ir além do esperado para as mulheres negras em uma sociedade que regrediu ao ponto de ter conteúdos sobre escrita de mulheres negras sendo condenados nas escolas². Portanto, há uma necessidade de que autoras negras, mulheres do conhecimento usem a arma que possuem: o poder da escrita.

1.1 LÁBIOS NEGROS: QUANDO LUTAR NÃO É CRIME

Comecei os estudos do projeto sobre a poesia de Ana dos Santos e Bell Puã querendo falar da escrita feminina, como poeta, mulher que sou, a autoria feminina era o meu interesse de estudo, bem como perceber a receptividade das poetisas, o impacto de sua poesia no público. Levei muitas vezes os versos dessas autoras nos saraus³ que participei, desde que abracei esta proposta de pesquisar a poesia de autoria feminina.

Quando fiz a leitura inicial dos livros *Lutar é crime* e *Pequenos grandes lábios negros*, cada um deles me chamou a atenção por um poema específico: em Ana dos Santos “As babás de branco”, em Bell Puã o último poema do livro (não possui título), poemas que trarei mais adiante. Na poesia destas autoras negras, há toda sua vivência ilustrada em sua escrita, que acaba por ser de enfrentamento porque traz as mazelas sofridas pela sociedade, mazelas estas percebidas e poetizadas a partir do fazer poético de ambas.

O assunto cor está presente na autoria dessas mulheres. Na sua escrita, na sua voz, na sua poesia. Inicialmente, pensei que não deveria entrar na questão de cor e deixar que pesquisadoras negras falassem sobre o assunto, por ter mais propriedade, mas se continuarmos assim, cada um falará apenas do que sabe, do que vive e do que sente, não há nenhuma inovação nisso, pois só poderei falar sobre o que sei ou vivi. É importante que mulheres não negras sejam mediadoras dessas literaturas, pesquisem as negras para visibilizar cada vez mais suas escritas, mostrando a relevância de suas literaturas.

² Uma professora, cuja identidade não foi revelada, foi afastada de uma turma de ensino médio do colégio Vitória-Régia, localizado no bairro Cabula, em Salvador, depois de indicar para os alunos o livro *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo. O episódio, que repercutiu nas redes sociais, ocorreu em novembro, mês da consciência negra. Segundo o noticiário, a escola informou que não houve racismo. O episódio já se explica por si só.

Notícia de 22/11/2021 está disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/diversidade/2021/11/22/noticia-diversidade.1324744/livro-vetado-professora-e-afastada-por-indicar-obra-de-conceicao-evaristo.shtml>

³ Explicarei como são os saraus mais adiante, a partir da página 28.

A literatura de mulheres de cor raramente é incluída em cursos de literatura de mulheres e quase nunca em outros cursos de literatura, nem em estudos sobre as mulheres em geral. Com muita frequência, a desculpa dada é que as literaturas de mulheres de cor só podem ser ensinadas por mulheres de cor, ou que são muito difíceis de entender, ou que os alunos não conseguem “se interessar” por elas porque vêm de experiências “diferentes demais”. (Lorde, 2020, p. 242)

Essa introdução sobre a escrita da mulher negra me levou a buscar conceitos e significados novos na nossa literatura que pouco começou a fazer estudos sobre esta literatura que se quis apagar. Cheguei, então, ao ponto no qual alguns conceitos e terminologias precisam ser esclarecidos. Sobre essa categoria da literatura brasileira, fiz minha opção pela terminologia negra - Literatura de autoria feminina negra brasileira.

Muito se fala em literatura afro-brasileira, então, questiono: e essa literatura seria negra ou afro-brasileira? Entre leituras e significados, escolhi o termo negra, nomeado de literatura negra feminina brasileira. Resolvi usar essa nomenclatura a qual, conforme nos explica Cuti, remete aos autores que tratam do tema da negritude (do ser negro no Brasil), sendo que afrobrasileiro poderia relacionar-se àqueles que tratassem do termo África, ou mesmo da negritude, mas sem ser negros.

Denominar de afro a produção literária negro-brasileira (dos que se assumem como negros em seus textos) é projetá-la à origem continental de seus autores, deixando-a à margem da literatura brasileira, atribuindo-lhe, principalmente, uma desqualificação com base no viés da hierarquização das culturas, noção bastante disseminada na concepção de Brasil por seus intelectuais. “Afro-brasileiro” e “afrodescendente” são expressões que induzem a discreto retorno à África, afastamento silencioso do âmbito da literatura brasileira para se fazer de sua vertente negra um mero apêndice da literatura africana. Em outras palavras, é como se só a produção de autores brancos coubesse compor a literatura do Brasil. (Cuti, 2010, p. 34)

Souza (2019), em seu artigo sobre literatura afro-feminina brasileira, diz que a discussão terminológica está longe de acabar “diante da diversidade de aspectos relacionados, como a autora utiliza o termo afro-brasileiro, precisa especificar no título toda a terminologia e significados para o mesmo tema que falo - a literatura afro-brasileira escrita por mulheres negras - muito mais simples acredito que minha escolha por literatura feminina negra brasileira, se deu também por esse fato. Por isso, o termo pensado por Cuti facilita inclusive o entendimento sobre quais mulheres autoras pesquiso e qual é o lugar de onde falam estas escritoras de literatura negra brasileira.

O uso do termo **negra brasileira** indica que esse seria um recorte dentro da literatura brasileira, fato que os outros termos usados não trazem e continuam perpetuando o racismo que queremos coibir. Ainda, segundo Cuti:

Quando se fala em “poetas negros”, estariam os que usam tal expressão referindo-se à cor da pele? Parece-nos que sim, porém, não apenas isso. Então, além do dado da cor, teria de haver o dado da escrita. Que escrita será essa? Parece-nos que a escrita afro-brasileira ou afrodescendente tenderia a se diferenciar da escrita negro-brasileira em algum ponto. O ponto nevrálgico é o racismo e seus significados no tocante à manifestação das subjetividades negra, mestiça e branca. Quais as experiências vividas, que sentimentos nutrem as pessoas, que fantasias, que vivências, que reações, enfim, são experimentadas por elas diante das consequências da discriminação racial e de sua presença psíquica, o preconceito? Esse é o ponto! (Cuti p. 37)

Não tenho a pretensão de esgotar a temática do que seria literatura negra feminina brasileira, mas buscar “situar a existência de um discurso literário que, ao erigir as suas personagens e histórias, o faz diferentemente do previsível pela literatura canônica, veiculada pelas classes detentoras do poder político-econômico” (Evaristo, 2009)

Outro conceito de literatura negra é o do coletivo Sopapo Poético, segundo Tettamanzy et al (2016) que entende que “literatura negra é feita por negros e negras que concebem sua visão de mundo e sua representação conferindo legitimidade ao existir negro, contrapondo-se aos estereótipos oriundos do período escravagista, tão difundidos na literatura tradicional.”

A literatura de autoria negra feminina brasileira faz parte do recorte: literatura feminina e literatura negra e do todo que é a literatura brasileira (um recorte maior). As autoras categorizadas nessa literatura tem sua escrita marcada pelo lugar de fala de sua autoria, irão tratar do ser mulher e ser negra através dessa literatura, através de temas já comentados aqui: gênero, classe, cor.

1.2 CHEGANDO A UM LUGAR: AUTORIA NEGRA FEMININA

Para falar de autoria na escrita precisamos pensar o autor/a, aquele que antecede o papel, a voz, o que está no pensamento; mas este há muito tempo foi morto por Barthes (2004), para dar vez e voz ao leitor. Então, por que a questão da autoria se faz importante? Primeiro, porque as mulheres autoras foram invisibilizadas, as autoras negras mais ainda. Houve um silenciamento, apagamento da escrita feminina e principalmente da escrita negra feminina, não apenas no Brasil, mas no mundo:

Certamente, vale ressaltar que a “literatura feminina” não se configura por tentar sobrepor-se àquela produzida pelos homens ou pelo seu estilo e forma, ou como expressão de uma possível “subjetividade feminina”, ou ainda somente por ser escrita por mulheres, mas pelas suas temáticas e representações de personagens femininas, tensionadas e nutridas pelos desejos de autonomia políticas e culturais e pelos anseios por conquistas do espaço público. Desse modo, é uma textualidade que se pretende “transgressora” e “revolucionária”, uma vez que almeja quebrar com tramas opressivas e de aprisionamentos do pensamento masculino, já postos pela linguagem, por conseguinte pela comunicação, concepções de mundo e pelas relações de poder. (Silva, 2010, p. 23)

Almeida (2012), quando fala do prêmio Camões e do Jabuti afirma que: “Tais prêmios, se compreendidos como uma aferição de valor, mostra que as obras de escritores do sexo masculino são, sem dúvida, bem mais difundidas, valorizadas e poderíamos dizer até estimadas, que a das mulheres escritoras”, haja vista a quantidade de prêmios ganhos por escritores.

As escritoras são menos lidas, menos divulgadas e aparecem bem menos nos manuais e coletâneas quando organizadores autores fazem os melhores de cada estilo (os 100 melhores contos, ou poesias). Na maioria das vezes, ou pelo menos em todos que li, a quantidade de escrita feminina presente é mínima, quando muito citada a que se destaca mais. São sempre 3 ou 4 autoras entre tantos autores homens. Dalcastagnè (2011), ao pesquisar os romances em editoras mais renomadas, entre 1990 e 2004, concluiu que, além da menor quantidade de autoras publicadas, a maioria das publicações eram de homens brancos “e, em grande medida, aqueles que participam do campo literário já estão presentes também em outros espaços privilegiados de produção de discurso, notadamente na imprensa e no ambiente acadêmico⁴”. Em uma aula que participei com a professora Regina Dalcastagnè, esta informou sobre a dificuldade em realizar a mesma pesquisa em relação à poesia, visto que muitas escritoras e escritores publicam de forma independente.

Mulheres precisam dividir-se entre família, trabalho, estudo. Nessa tripla jornada, a escrita surge como libertação. Além de escrever, elas precisam publicar e ser lidas. São tantas mulheres escrevendo e publicando na atualidade. Elas nunca fizeram isso antes? Talvez, mas percebemos que não lhes era “permitido” divulgar. A literatura feminina ficou engavetada, era tida como de menor valor. Por isso, no século XIX, elas escreviam com pseudônimos masculinos.

⁴ Fala da professora Regina Dalcastagnè, em reunião do dia 12 de maio de 2023, com o grupo Poéticas Orais e Pensamento Decolonial. O grupo costuma fazer algumas reuniões com pesquisadores e professores para nos falar sobre seus trabalhos e pesquisas.

Quando, no século XIX, as nossas primeiras escritoras, timidamente, ocultando-se em pseudônimos, temerosíssimas da opinião masculina dominante, tentaram publicar suas narrativas, tudo era visto com muita delicadeza como obras de senhoras e equivalendo-se ao crochê, tricô, bordado e culinária. Mas atrás desse artesanato, existiram vozes que se fizeram ouvir até os dias de hoje e, de repente, encontramos um número grande de escritoras brasileiras. (Muzart, 2010, p.)

Outro fator importante, quando tratamos de autoria feminina negra, é a necessidade de mostrar de qual lugar esses textos vieram, pois essa literatura feminina tem rosto, tem idade, tem gênero e tem cor, como nos fala Silva quando se refere às escritoras negras:

ao criar contra-dizeres que desestabilizam discursos que recalcam sua escrita, as relações de poder nas tramas do racismo e do sexismo, por exemplo, imbricadas com outras relações, universos e sujeitos, tornam-se um de seus “lugares” também diferenciadores de dialogicidade, transgressão e de exercício da “função-autor” (Silva, 2010, p. 32)

Voltando a Barthes, que “matou” o autor, a autoria feminina negra está viva no texto, nas escrituras. O autor morto por Barthes é o detentor do texto, o único dono e responsável pela escrita, o todo poderoso pai do texto. O autor saiu do altar no qual foi colocado tornando-se ausente. No caso da literatura de autoria feminina negra há uma presença autoral que não se trata da representação desse autor sacralizado, trata-se “de escritoras que escrevem em nome de outrem, mas mulheres negras que inscrevem, em um tom performático, sobre si/nós, autorizando-se” (Silva, 2010) a escrever de um lugar de fala, de um lugar de origem autoral. Essa autora precisa aparecer no discurso de sua poética. Essa escrita possui peculiaridades que se encontram na autora e sua obra. São sobre essas peculiaridades que nos fala Pereira:

A criação literária de escritoras negras representa vivências e experiências organizadas a partir de uma situação biograficamente determinada pela condição de serem mulheres e negras. Sustentamos que essas mulheres são autoras e intérpretes de sentidos e de significados de ser mulher, negra e escritora em sociedades de classes. Consideramos, portanto, que elas representam dois grupos sociais historicamente subordinados - mulheres e negros - e que vivem em sociedades ainda marcadamente constituídas por três formas de dominação: capitalista, colonialista e patriarcal. Isso significa que são mulheres que tiveram de aprender a força necessária para resistir à desumanização que o capitalismo, o colonialismo e o sexismo lhes legaram. Mulheres que encontraram as potenciais qualidades da diferença social, racial e de gênero, especificamente as da marginalidade, como experiência estimulante, embora muitas vezes dolorosa, para criar textos literários. Tudo o que elas viveram, experienciaram e aprenderam tornou-se alicerce para a criação literária. (Pereira, 2018, p. 17)

Discutindo literatura negra brasileira baseando somente em conceitos de teoria literária sem perceber a história da literatura local, brasileira, a escrita por vezes silenciada/apagada ou

destituída de tal nomenclatura (literatura, como muitos falam dos textos de Carolina Maria de Jesus) acabamos por não entender ou esclarecer os conceitos que são necessários para tratar desta literatura.

O sistema patriarcal, colonial e racial que ainda envolve nossa cultura e sociedade torna tudo mais difícil quando se é mulher, e, como comentado anteriormente; triplamente difícil quando essa autora é negra.

Para escritoras negras, escrever significou, antes de mais nada, dissolver os grilhões forjados pela tripla inscrição na inferioridade - de gênero, classe e raça - de modo que, de alguma maneira, essas mulheres tiveram condições de usar historicamente e racionalmente a liberdade intelectual de escritoras para chegar a uma compreensão reflexiva do mundo na literatura, por meio de suas vivências e experiências, individuais e coletivas, e sob regime de autorização de fala. Que pode falar numa sociedade patriarcal e racista). Se toda interdição tem, simultaneamente, um sim e um não, é pertinente responder a essa pergunta da seguinte maneira: o espaço na literatura foi uma conquista do grupo social negro. Há, portanto, para essa categoria de escritoras, uma responsabilidade intelectual, moral e ética com as questões ligadas a seu ofício e, é claro, a seu grupo social. Assim, elas escrevem a partir de um ponto de vista marcado ética e politicamente pelo compromisso com seu grupo social. Elucidam na escrita um ponto de vista de pessoas negras. (Pereira, 2018, p. 19)

Portanto, a autoria feminina negra se faz presente e não há como falar dessa literatura sem destacar questões de gênero, raça, classe social, assim as escrevivências surgem. Essa mulher marcada pela interseccionalidade⁵ traz suas escrevivências, suas percepções de mundo, abrindo voz ao silenciamento forçado por séculos, não apenas às mulheres, mas principalmente às mulheres negras: “Essas escritoras estabelecem ainda o “nome autor”, a que se refere Foucault (2006), através de suas assinaturas de discursos poéticos e ficcionais em projetos literários.” (Sívia, 2010, p. 33)

Ianá Souza Pereira (2018) nos lembra da importância da leitura das vozes das autoras negras brasileiras como forma de diminuir os silêncios que lhes foram impostos. Sobre tais silenciamentos, Fabiana dos Santos Souza (2019) nos fala:

Para as mulheres negras esse emudecimento foi e continua a ser mais cruel, pois foram invisibilizadas e representadas apenas como corpos criados para o trabalho ou para a atividade sexual, o que ainda acontece na atualidade, mesmo que com menor intensidade. E aliado a esse sistema, tem-se a ausência significativa de escritoras negras e o ocultamento de suas obras, provocando a invisibilidade também de sua escritura, o que representa, pode-se dizer, um epistemicídio e uma abolição inacabada. Mas elas lutam e vêm lutando ao longo dos séculos, principalmente através da literatura, contra o silenciamento da sua produção cultural/literária e pelo fim, de fato, da abolição. Para tal, muitas vêm se tornando escritoras e produtoras de

⁵ Interseccionalidade de acordo com Collins.

uma literatura própria, pautada em sonhos de emancipação, liberdade, autonomia e pleno direito a uma alteridade positiva. (Souza, 2019, p. 108).

Essas autoras não se deixam inviabilizar, estão ocupando seus espaços, por isso retirar ou matar sua autoria seria, também, um crime social. O ato de escrever, ler e haver uma literatura de escrita feminina negra brasileira é um ato político. É preciso reverberar essas escrevivências, que melhor lugar que a literatura, a escrita, a poética oral para usar como força de resistência.

O silenciamento sofrido pelas autoras fez com que outras formas de divulgação de ser escritora surgissem e, o uso das novas tecnologias, permitiu que estas se aproximassem do seu público leitor, como veremos a seguir.

1.2.1 Autoria feminina negra e a contemporaneidade na literatura

A poesia é a arte, a cultura, a existência, a resistência de tantas mulheres, de tantas mulheres negras que escrevem e precisam ser as divulgadoras e, às vezes, “fazer a venda”. Para as mulheres, a necessidade de mostrar a escrita literária é mais desafiadora, já que a literatura de autoria feminina ainda não tem a mesma representatividade que a masculina; acabam em segundo plano, relegadas pelo sistema patriarcal-colonial no qual estamos culturalmente inseridas. Entretanto, nos últimos anos, vem ganhando espaço por ações, ainda que isoladas, de autoras e editoras independentes. A colonialidade do poder (Quijano) continua firme, tirando o poder das mulheres. Schmidt (1997) nos fala da literatura do século XIX, mas acredito que serve para nos lembrar de que estamos inseridas em um sistema patriarcal-colonial-racista que continua elegendo no rol da literatura nacional - internacional diria, apenas uns poucos nomes e na maioria homens brancos.

Pensar a autoria feminina negra brasileira é pensar fora desses padrões, olhar para nossa cultura literária e perceber outras formas de ser e fazer literatura. A autoria feminina negra brasileira está representada na escrita das autoras que serão apresentadas. No contexto que seus textos reclamam e lembram o poder que vem da palavra e de quem possui esse poder, esse dom:

Com as palavras
aprendi a fazer mantras
a desdobrar o tempo
e projetar o espaço (Santos, 2020, p. 36)

Há, nas autoras contemporâneas, em alguns casos, a proximidade com o público leitor, através das redes sociais, situação que se intensificou durante o período da pandemia (2020 - 2023). De acordo com Souza e Przybylski (2022):

As manifestações digitais têm se consolidado cada vez mais na última década e, com a pandemia da COVID-19, surgem como uma alternativa para a legitimação de fazeres poéticos e vozes outras. Se antes as poetisas e os poetas tinham espaços físicos para realizarem suas competições e/ou encontros de poesia, a crise sanitária que tomou conta do mundo em 2020 e em parte de 2021 fez com que a internet se consolidasse como um lugar de remediação poética. (Przybylski e Souza, 2022, p. 203)

O uso das redes sociais para divulgação é uma forma de veiculação recente que se tornou vital para promover as publicações, sobretudo no período pandêmico pelo qual passamos (nos anos de 2020 a 2021 principalmente). Essa proximidade pelas redes sociais ajuda a entender o novo funcionamento da escrita e leitura atuais, bem como o contato mais estreito com o público permite que a autora possa ler, ouvir e interagir imediatamente com o leitor/ouvinte/seguidor. Pode-se dizer que tal dinâmica auxilia na divulgação da obra escrita ou cantada. A autora, mesmo antes da publicação, já pode fazer o marketing de seu livro.

Além de escrever e divulgar é preciso tornar público a tiragem do livro, os locais de autógrafos; desde a pré-venda, a venda do livro, a divulgação por outras autoras, rodas de poesia, saraus online ou presenciais; toda forma de divulgação é usada para tornar a escrita, o livro publicado, numa obra que todos querem ler ou conhecer ou fazer chegar a quem quer ler e conhecer.

Em entrevista de 2017 para Priscila Pasko a escritora Lilian Rocha pontua algumas questões que podem impossibilitar a publicação de livros por parte das escritoras:

Ela pontuou que existem, sim, muitas mulheres negras escrevendo, no entanto, um dos motivos de parte delas não publicar está no bolso. “A questão da publicação – não só das mulheres negras, mas principalmente – delibera dinheiro, o que muitas vezes essas escritoras não possuem”, explica.

Sendo assim, a divulgação do trabalho das poetisas concentra-se na oralidade, ou seja, em espaços culturais e em eventos nos quais as mulheres negras produzem. “A maioria não tem nada publicado. Guarda em seu caderninho, em sua agenda, exhibe em clubes sociais negros”, comenta Lilian, que participa ativamente do Sopapo Poético – Ponto Negro da Poesia, sarau promovido mensalmente em Porto Alegre. Além de integrar diversas antologias, Lilian publicou *A vida pulsa* (Editora Alternativa, 2013) e *Negra Soul* (Editora Alternativa, 2016).

Mesmo que a escritora consiga lançar um livro, ela encontrará outros entraves. Lilian diz que, para vender, é preciso que a obra esteja disponível em uma livraria – considerando que não são todas que manifestam interesse na literatura de autoria negra. “E, se tiver, geralmente [o livro] está lá atrás. O vendedor nem sabe onde é a prateleira da literatura negra ou se existe aquele escritor. Até conseguimos escrever, mas como vender a obra?”, indaga Lilian. (Pasko, 2017)

Mesmo podendo fazer o acompanhamento das atividades das autoras, meu interesse maior nesta pesquisa está nos livros e na escrita das autoras Ana dos Santos e Bell Puã⁶. Só não podemos esquecer que nem só do livro vive a literatura. Os projetos, saraus, slams e eventos precisam dessa divulgação das autoras, do marketing pessoal, da forma como serão mostrados nas redes sociais das escritoras. Como nos diz Ana dos Santos “tudo cura/ tudo vira literatura”. A arte apresentada nos coletivos, saraus e slams é a literatura que cura, que faz o contraponto à crítica social, local no qual a periferia literária e social podem se unir e viver literatura.

Pensando pelo lado da escrita feminina, a escritora precisa se destacar e muito, conforme já comentei, na medida em que a literatura escrita por homens tem um destaque maior nas premiações e nas divulgações. Os autores são mais bem pagos, mais vendidos e mais lidos, conforme comprovou Moíza Fernandes Almeida em sua tese (2012):

As relações de poder regidas pela então “classe dominante” mantém, ainda, hoje uma grande parcela de mulheres escritoras à margem do cânone. Seus livros não circulam no sistema literatura e seus nomes esquecidos, não figuram nas antologias distribuídas nas escolas. (Almeida, 2012, p. 40)

A pesquisadora ainda destaca, em sua investigação, a questão das antologias e livros das mulheres escritoras:

visitamos bibliotecas, livrarias, sebos, alfarrabistas, sites de busca online e verificamos que a maior parte dos livros de poesia escrita por mulheres são, normalmente, doados por elas a amigos, pesquisadores e críticos literários, somente uma pequena parcela é comercializada, em geral, fruto de uma única edição de pequena tiragem. (Almeida, 2012, p. 41).

Mesmo com tanta divulgação, mesmo com o crescimento dos movimentos negros femininos, em 2010, Silva acrescenta que:

(...) posso reconhecer que produções literárias de mulheres negras ainda estão ausentes, consideravelmente, de inventários da “literatura feminina”, bem como de diversas instâncias acadêmicas, artísticas e culturais em torno da mulher e/na literatura. Posso inclusive concluir que seus postulados e proposições não atendem, satisfatoriamente, às demandas e vicissitudes da constituição de suas vozes literárias femininas negras. Essas constatações me levam a inferir que práticas de apagamento da “escrita feminina” também atinjam autoras negras e, talvez mais intensamente, uma vez que são agravadas pelas relações desiguais, inclusive do ponto de vista

⁶ As autoras serão apresentadas em capítulo dedicado à elas, posteriormente.

etnorracial, e não apenas de gênero, muito presentes em redes e tradições literárias brasileiras. (Silva, 2010, p. 24)

Talvez a criação da lei nº 10.639 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e cultura Afro-brasileira”, venha a ser um auxílio a que esta literatura chegue ao público não-leitor, às escolas. Exigindo uma maior visibilidade na escrita de autoria negra.⁷

1.2.2 Mulheres negras em coletivo

Muitas vezes, a publicação vem do conjunto de escritoras, em uma coletânea, ou como o livro *Pequenos grandes lábios negros* que saiu em uma editora pequena e pelo Mulherio das Letras que é um grande coletivo de escritoras espalhado pelo país. Percebo na escrita de autoria feminina atual essa busca por apoio entre pares. Uma necessidade, eu diria. Por que digo isso? Pelo fato de que as autoras são geralmente preteridas aos autores quando se trata de leitura. Tirando umas poucas “sortudas” que vendem e fazem história, muitas são invisibilizadas. E, quando se trata de literatura negra feminina, essas autoras precisam muitas vezes criar um público leitor, mas esse público não-leitor é regido pelo cânone que é na sua maioria masculino; ou, mesmo, o público leitor não tem interesse nessa literatura de resistência, mostrando mais uma das facetas do racismo; outros não leem por não querer reconhecer a própria dor, porque o debate causa constrangimento; ou são textos de poesia, que

⁷ Art. 1º O art. 26-A da [Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996](#), passa a vigorar com a seguinte redação:

“[Art. 26-A](#). Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras.” (NR)

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 10 de março de 2008; 187ª da Independência e 120

como falei anteriormente, não são tão apreciados, ou ainda não há um tempo para dedicação à leitura. Há variantes para esse público não-leitor, que precisa ser conquistado.

Como vimos anteriormente, a escrita negra feminina não chega ao público leitor e nem ao não-leitor e Silva afirma ainda:

Mas que mulheres, no Brasil, escrevem, publicam e ainda conseguem forjar uma crítica feminista e um público leitor? Infelizmente, tenho de afirmar que apenas poucas mulheres usufruem, histórica e satisfatoriamente, desse prestígio e “rituais” peculiares ao ofício da arte da palavra. Apesar de Maria Firmina dos Reis, brasileira, descendente de africanos, citada acima por Guardia e por outros(as) pesquisadores(as) feministas, ser considerada a primeira romancista abolicionista e de outras mulheres negras produzirem literatura, por exemplo, do século XVIII aos nossos dias, ainda constato uma ausência significativa delas em espaços e mercados culturais e literários. (Silva, 2010, p. 23)

Uma das alternativas é unir-se em coletivos. Existem coletivos de leitura de mulheres, de escrita, de saraus e slams. Foi participando de coletivos de leitura de mulheres e escrita de mulheres que percebi a importância que as escritoras possuem umas para as outras. Não vejo presença masculina nesses grupos de leitura e, quando há, é mínima. Aos homens, em sua maioria, não lhes interessa a escrita das mulheres. Nosso público somos nós.

O Mulherio das Letras é um exemplo de coletivo que agrega escritoras para divulgação, publicação e visibilidade destas mulheres que escrevem.

o Mulherio das Letras, um movimento de mulheres empenhadas na valorização e na visibilidade das literaturas de autoria feminina, nascido do desejo de ampliar e intensificar conversas entre escritoras, sem a intermediação de «curador que nos [lhes] imponha tema», «sem “mesa” com estrelas e cachê», «sem monopólio de microfone», e, sobretudo, onde as escritoras não fossem representadas pela «costumeira “cota”», mas que consistissem na «maioria absoluta», investidas do poder de decidir e levar adiante coletivamente os projetos ali propostos. (Zolin, 2014, p. 58-59)

As mulheres precisam se unir na luta, na vida para sobreviver ao mundo patriarcal. Concordo com Lugones (2019), quando ela diz que:

Ninguém resiste à colonialidade dos gêneros sozinho. Somente é possível resistir a ela com o entendimento do mundo e com uma vivência que é compartilhada e consegue entender as próprias ações - garantindo certo reconhecimento. As comunidades, e não os indivíduos, possibilitam o fazer; as pessoas produzem junto de outras, nunca no isolamento. O boca a boca, a passagem de mão em mão das práticas vividas, dos valores, crenças, antologias, espaços-tempos e cosmologias constituem as pessoas. (Lugones, 2019, p. 372-373)

“O boca a boca” é feito também pela internet, através de blogs, Instagram ou Facebook tanto das autoras como dos grupos, coletivos e editoras. Esses locais são os “locais

seguros” de que nos fala Collins (2019). Por isso parto desta citação para lembrar dos Slams Mexicanos de e para mulheres que começaram por essa necessidade da escritora de haver um local para a escritora e sua escrita, como nos afirma Przybylski (2021):

Deste modo, na contramão de um fazer poético predominantemente masculino, próprio de sociedades machistas e patriarcais, surgem os slams femininos, espaços exclusivos para que as mulheres possam dar conta de suas angústias, realizações e dissabores. (Przybylski, 2021, p. 94)

E continua, comparando os dois países, Brasil e México:

Ou seja, os slams, sejam no México ou no Brasil, são espaços que possibilitam a fala e a resistência à colonialidade de gênero. As vozes, quando juntas, têm mais força e a experiência de cada poeta, tanto em separado quanto no coletivo, é uma arma de legitimação de saberes outros e de espaços e novas formas de fazer poesia. (Przybylski, 2021, p. 94)

Para a autora é importante o espaço seguro de troca, sem o julgamento, com a compreensão de viver as mesmas questões. Por isso a importância dos movimentos em coletivos, dos saraus e slams femininos, nos quais a literatura de autoria feminina não é invisibilizada, podendo aparecer e mostrar sua potência; ser valorizada.

A autora Deborah Goldemberg, no livro que comemora o “Grande dia para as escritoras”, fala sobre ser escritora e essa necessidade da coletividade:

Ser escritora no Brasil, e em boa parte do mundo, carece de sentido coletivo. Trata-se de uma profissão sorrateira (se é que dá para dizer que é uma profissão!), cujas aptidões se manifestam cedo e, quando não dá mais para esconder, causa espanto: “Quer ser escritora? Deus me livre? Quer morrer de fome”. Faculdade para escritoras não há. As que há, dizem, acabam esterilizando sua paixão. Então, é raro que possam estar reunidas entre si e possam trocar, se organizar, se compreender. O *Um Grande dia* proporcionou isso. (Goldemberg, 2023, p. 165)

A referida escritora fala, ainda na mesma obra, sobre a entrada tardia das mulheres na escrita, não por não escreverem desde cedo, mas por publicarem tardiamente. Além disso, desenha a pesquisa que realizou com as autoras que participaram do livro, na qual mostra que o quadro editorial não é nada amigável, nem com autoras ou mesmo autores:

Mesmo nesse contexto desafiador, a pesquisa revelou que há um modelo de editoração que vem funcionando para escritoras mulheres. Algumas editoras concentram as escritoras da amostra, o que significa que estão apostando na literatura escrita por mulheres. A maioria entre as citadas são editoras de porte

pequeno e médio que atuam de modo bem próximo das escritoras. (Goldemberg, 2023, p.169)

Percebemos que a escrita feminina é um desafio, não gera renda, mas essas mulheres continuam na luta, no desafio de se fazerem comunicar através das palavras e com o poder que elas possuem em usá-las.

A autoria feminina negra também participa desses espaços e de outros criados por escritoras negras, coletivos nos quais sua escrita é valorizada e tem o lugar de encontro com igualdade de fala e compreensão das lutas. Ainda no livro *Um grande dia para escritoras*, temos Esmeralda Ribeiro que integra vários coletivos negros e escreveu o seguinte:

foi bonito ver um número significativo de escritoras negras lá no estádio do Pacaembu. foi uma ação contagiante mostrando nossos rostos, nossos textos. Entraremos também para a história, porque não foi uma simples foto e sim um ato político para afirmar que estamos aqui, existimos, somos escritoras e nossas escrevivências estão publicadas em diversos gêneros e espaços literários. (Ribeiro, 2023, p. 79)

Na sua fala, Ribeiro propõe uma comunicação com Maria Firmina dos Reis⁸, que apagada de suas palavras, começou a ser redescoberta há pouco tempo; foi silenciada por ser mulher e ser negra, visto que sua literatura, sua escrita não deixava nada a desejar às masculinas de sua época causando, talvez, até inveja e medo de não conseguirem escrever tão bem quanto uma mulher negra. Por isso, as fotos⁹ das escritoras com seus livros nas mãos é um ato político. Não podem mais apagar as mulheres na literatura.

Collins (2019) fala dos espaços seguros criados pelas mulheres negras norte-americanas, que as auxiliaram a criar uma identidade “ao fazer avançar o empoderamento das mulheres negras por meio da autodefinição, esses espaços seguros ajudam mulheres negras a resistir à ideologia dominante”. A autora também vai tratar da escritora. Se a mulher negra escreve, quem a lê? Sua poética é focada na sua cor e sua classe, ou seja, demora para haver um público leitor, como já expliquei anteriormente, esse público leitor muitas vezes não está formado ou tem outros interesses.

⁸ Primeira romancista brasileira.

⁹ As fotos foram feitas no movimento Um grande dia para as escritoras e publicadas como livro, no qual várias escritoras de todo o Brasil estiveram presentes.

1.3 CAMINHOS COM VOLTA: A POESIA FEITA MAIOR

Estudando poesia, cheguei a essa conclusão: a poesia nos é cara, pois é a forma mais sublime de arte, pode ser feita a qualquer hora, momento, só precisa haver um local de escrita, papel, caneta, um celular. Ela ajuda a colocar no papel o que pretendemos expressar.

Lendo Lorde, deparei-me com o seguinte parágrafo que me chocou um pouco:

Diferenças de classe não reconhecidas privam as mulheres da energia e do insight criativo umas das outras. Recentemente, um grupo de trabalho de uma revista feminina tomou a decisão de publicar apenas prosa em um dos números, dizendo que poesia era uma forma de arte menos “rigorosa” ou “séria”. Entretanto, até mesmo a forma que nossa criatividade assume é geralmente uma questão de classe. De todas as formas de arte, a poesia é a mais econômica. É a mais secreta, a que exige menos trabalho físico, menos material, é aquela que pode ser feita entre turnos, no ambulatório do hospital, no metrô e em sobras de papel. Ao longo dos últimos anos, escrevendo um romance com um orçamento apertado, vim a apreciar as enormes diferenças entre termos de demanda material entre prosa e poesia. Ao revermos nossa literatura, a poesia foi a voz mais importante dos pobres, dos trabalhadores e das mulheres de cor. Um quarto apropriado pode ser uma necessidade para escrever prosa, assim como resmas de papel, uma máquina de escrever e um bocado de tempo. As exigências para produzir artes visuais também ajudam a determinar, em termos de classe, que arte pertence a quem. (Lorde, 2020, p. 241)

A partir do que a teórica explicita, devo dizer que concordo com ela, pois a poesia é uma arte prática, nunca precisei de nada para escrever poesia, qualquer pedaço de papel servia. O que pensei com isso é que a própria forma de literatura é excludente, tratando a poesia como algo de menor valor; ou seja, pelo simples fato de poder atingir um número maior de pessoas, estar mais próximo dos grupos marginais (poesia oral). Seria uma desvalorização da escrita de poesia porque ela seria mais abrangente.

Outro fator dessa desvalorização seria porque mulheres, com menos chance de alfabetização, teriam menos chances de ler ou escrever narrativas, a poesia pode sair na voz, no rap e ser de fácil acesso, nos *slams*, encontros. Tal proposição me faz crer que essa forma de desvalorização da poesia é, além de uma desvalorização de classe, racista: Como comenta Collins (2019), “Apesar da existência de uma tradição de mulheres negras escritoras, ela estava disponível primordialmente para mulheres com educação formal.” Ou seja, a música, o que está na poesia, mais acessível não é valorizado.

A poesia é vista como menor entre os tipos de textos, como simples, quando na verdade é na poesia que expressamos nossas vidas, angústias e revoltas. A poesia é vida. Está viva dentro de nós e é repassada, através da voz ou da escrita, para ir viver dentro do público

leitor. Cristina Batalha, com base no texto de Deleuze, afirma que falar de texto “menor” implica questionar-se, em primeiro lugar, a respeito de qual ideia de literatura tomamos como base para qualificar uma obra como tal. Em segundo lugar, como uma das práticas discursivas sociais: embora oblitere e dissimule seu papel de instrumento político, a literatura – e seus agentes – está também sujeita às diferentes movimentações nos campos cultural, sociopolítico e econômico.

Conforme Lorde (2019), “A poesia não é apenas sonho e imaginação; ela é o esqueleto que estrutura nossa vida, ela estabelece os alicerces para um futuro de mudanças, uma ponte que atravessa o medo que sentimos daquilo que nunca existiu”. É na poesia que muitas mulheres conseguem dar os primeiros passos na escrita e não valorizar esse modelo de escrita dentre as próprias mulheres seria uma forma de dizer que a poesia não tem valor.

A poesia não está no mercado, não vende no atacado, ela é produto orgânico, natural, está em locais especiais e para quem sabe apreciar. Muitas vezes é colocada como inalcançável apenas para uma elite com linguagem rebuscada e distante do ser humano comum. Fazendo uma forma de julgamento e categorizando a poesia, não considerando outras formas, outros meios de se fazer poesia. Nos livros *Pequenos grandes lábios negros* e *Lutar é crime* a poesia é do dia a dia, do cara a cara, poesia como disse que vem da voz, que foi feita para o público, para leitura em voz alta, para o grito de luta e resistência.

Tentar tratar a poesia como uma forma menor de escrita é a forma de excluir várias escritoras, tornando sua escrita desvalorizada, diminuída, o que fará com que elas sofram um silenciamento, um apagamento.

A poesia pode chegar ao leitor/ouvinte de várias formas e encontrar distintas reações. A poesia é a arte de provocar o que está instaurado; a arte de movimentar o mundo com as palavras “só com as palavras”. É provocação da ordem vigente; provocação na qual as poetas Ana dos Santos e Bell Puã trazem em seus livros.

Lorde (2020) segue falando, no mesmo artigo, sobre a necessidade de discorrer sobre a escrita de mulheres negras na perspectiva de sua complexidade, e “recusar-se a reconhecer a diferença torna impossível enxergar os diferentes problemas e armadilhas que nós, mulheres, enfrentamos”.

Nesse sentido, a escrita que proponho aqui tenta tratar da literatura feminina negra brasileira com os temas que acredito serem relevantes para essa literatura: os temas na poesia feminina negra brasileira. As poetas falam dos mesmos temas muitas vezes, pois são recorrentes à sua escrita; cada uma a seu modo, a sua forma poética de usar o verbo, “a palavra”.

1.4 APRENDENDO A FAZER MANTRAS: QUANDO A VOZ DAS POETAS SURGE

Os saraus surgiram no Brasil no século XIX, imitando o que já existia na Europa. Pessoas, geralmente da elite, se reuniam ao final da tarde para recitar poemas, tocar músicas ou mesmo cantar. Os saraus continuaram durante o tempo e, mesmo hoje, estão presentes na sociedade. São mais formais e geralmente podem ser uma homenagem a um/a autor/a específico ou algum acontecimento. Trago como exemplo o Sarau Terezas aqui da cidade de Rio Grande que tem como característica a produção literária de autoras negras. Os saraus mais formais têm um público que aplaude ao final de cada poema e podem estar ou não abertos ao público em geral, dependendo de cada formato. Podem incluir acompanhamento musical, geralmente há música, dança, numa mistura de artes e cultura que tornam os saraus periféricos e os saraus atuais, outros espaços de luta, de inclusão e de divulgação literária.

Retomando o *slam*, Segundo Gama (2023), ele se difere do sarau tradicional por incluir o fator de competição, que costuma gerar uma maior participação do público. Assim, vamos adentrar ao mundo dos movimentos *slams*.

Os *slams* surgiram nos Estados Unidos nos anos de 1980, de forma despretensiosa como apenas numa tentativa de “contraponto aos fechados e assépticos circuitos acadêmicos” D’Alva (2011). O *slam*¹⁰, movimento em torno da poesia e bem periférico, ganhou força e muitos adeptos no Brasil. Apesar de sua natureza mais informal que o sarau, não significa que não possuem uma organização. Os *slams* são muito bem estruturados e uma fórmula que se espalhou pelo mundo, como explica Roberta Estrela D’Alva, a poeta que trouxe o slam para o Brasil.

Os *slams*, que inicialmente, tem como mote a competição, tomam uma proporção de celebração, que conta com mestre de cerimônias, chamado *slammer master*, e onde a palavra é comungada por todos sem hierarquias. Um círculo poético onde as demandas “do agora” de determinadas comunidades, suas questões mais pungentes, são apresentadas, contrapostas e organizadas de acordo com as experiências que esta vivencia.

Tudo isso acontece de forma orgânica, roteirizada, em um percurso bem definido que conta com claros pontos de partida e de chegada (uma abertura e um fechamento), criando entre esses dois momentos um espaço que é preenchido com performances-poemas e onde tudo pode acontecer. (D’Alva, 2011, p. 121)

¹⁰ A palavra *slam* é uma onomatopeia utilizada em inglês para representar o som de um bater de portas, mas também pode designar uma crítica contundente ou qualquer tipo de impacto forte (CAMBRIDGE, n. p.) Smith diz ter se apropriado do termo inspirado por seu uso no universo do boxe. Também daí teria vindo a estrutura da disputa, que se divide em *rounds* e com um tempo máximo de três minutos. (Przybylski e Souza, 2022, p. 201)

Ainda sobre as regras do *slam*, D’Alva (2011) comenta que a/o *slammer* tem 3 minutos para apresentar sua poesia, sem adereços, apenas usando a voz e o corpo, segundo a poeta há três regras fundamentais: “os poemas devem ser de autoria própria do poeta que vai apresentá-lo, deve ter no máximo três minutos e não devem ser utilizados figurinos, adereços, nem acompanhamento musical.”

Figura 1: Símbolo da comunidade Slam no Facebook



Fonte: <https://www.facebook.com/brasilpoetryslam>

A autora ainda destaca que o tempo que o *slammer* tem para apresentar seu poema somente com a voz e o corpo (performance) dá o aspecto de teatralidade das performances, obrigando os *slammers* a explorarem ao máximo de seus “corpos-vozes” (D’Alva, 2011). É interessante pensar a teatralidade, visto que o poema provoca muitas vezes uma forma catarse no público, suscitando diversos sentimentos: raiva, ódio, revolta e etc. Seria a performance, que segundo Zumthor (2010) tem suas regras - com efeito, regendo simultaneamente o tempo, o lugar, a finalidade da transmissão, a ação do locutor, e, em ampla medida, a resposta do público - importam para a comunicação tanto ou ainda mais que as regras textuais postas na obra.

Não há como negar o caráter inclusivo e libertário do *poetry slam*, lembra D’Alva ao falar que o Brasil viveu uma ditadura militar e um evento no qual o assunto tema da poesia é livre e geralmente falando das necessidades da comunidade ou do poeta, essa liberdade e inclusões não são compatíveis com tal sistema:

O *slam* tem configurando, assim, um espaço caro a movimentos minoritários (antirracistas, feministas, ativistas LGBTQIA+). Nesse sentido, conforme Freitas

(2018, p. 95-96) o significado dos poemas passa a construir não apenas pelas narrativas e experiência pessoal do slammer, representado por seu corpo e voz. como também pela “relação com a voz, o corpo e a história do público que “ouve” e se sente ali representado. Em suma, slams, como também saraus, importantes, como indica Minchillo (2017, p. 143), “pelos textos apresentados mas , sobretudo, pelas dinâmicas de sociabilidade que propõe. (Gama, 2023, p. 38-39)

Percebo que os movimentos de saraus e slams têm um caráter de serem movimentos de lutas diversas que fazem com que seu público frequente busque estes movimentos para participar, se expressar e se libertar na voz e no corpo, na interpretação de um poema.

Segundo Ana dos Santos (2021), na sua pesquisa sobre Conceição Evaristo: “A literatura oral¹¹ ainda sofre esse descrédito nos Estudos Literários e, no entanto, ela não precisa estar separada da escrita. A voz, por muitos períodos, conviveu com a letra, inclusive ela foi mimeticamente registrada na escrita por vários criadores.”

As poetas que trago para essa pesquisa participaram ou ainda participam desses movimentos coletivos, vivenciam a poesia no som de suas vozes ou de outras vozes femininas negras.

¹¹ Vera Medeiros, no artigo Oralidade e cultura escrita afirma que considera monstruoso e absurdo o termo ‘literatura oral’, criado em 1881 por Paul Sébillot. Mas, como não focaliza especificamente a questão literária – seu enfoque é mais amplo -, ele não propõe uma outra denominação. Quem se dedica a esse aspecto é Paul Zumthor, que se debruça sobre a literatura medieval e, portanto, lida com corpus formado de textos escritos produzidos em contexto de passagem da oralidade à escrita. Inicialmente ele propõe o emprego da expressão ‘poesia oral’, mais restrita, em sua opinião, do que ‘literatura oral’, forma vaga que pode significar .entre os etnólogos, um tipo de discurso com finalidade sapiencial ou ética; e, num sentido amplo, entre os raros historiadores da literatura interessados por estes problemas, todos os tipos de enunciados metafóricos ou ficcionais que ultrapassam o valor de um enunciado entre indivíduos: contos, jogos verbais infantis, facécias e outros discursos tradicionais. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/36161/23364> Acesso em 10 mai. 2024

2 CANÇÕES DE TRABALHO: CONTRARIANDO COLONIALIDADES

*Ao escrever procuro palavras
Como quem monta um quebra-cabeças
Num exercício de imaginação e sensibilidade
Escrever é meu grito de liberdade
Cristiane Sobral*

Em 2023, tivemos o congresso da Abralic, em Salvador. O evento se propôs decolonial, mas era um evento caro, em vista de outros. O evento trouxe nomes de peso Angela Davis e Conceição Evaristo que receberam por sua participação, diferente do que ocorreu por muito tempo quando mulheres negras falavam de graça. Mas falaram para mulheres negras ou brancas? As babás do lado de fora do evento eram negras ou brancas? Até onde esses discursos chegaram? Digo com isso que precisamos ultrapassar a barreira da sociedade - Universidade. Se descolonizar o feminismo é práxis (Lugones, 2019), precisamos de mais práticas ou mais eventos? É o “chegar lá” do qual fala Bell Puã no poema com o qual inicia seu livro *Lutar é crime*. que fala do lugar que não era ocupado pelos negros e o quanto é importante ocupar esses espaços. São os lugares negados, os lugares apagados da história brasileira que precisam ser recontados, revistos. - e justamente por isso na mesa de Angela Davis só tinham mulheres negras, a coordenação ficou a cargo de uma professora negra trans Feibris Casilhas. Apesar de ainda ser "colonial", para um evento aos moldes do que sempre foi a ABRALIC, o de Salvador conseguiu quebrar alguns paradigmas.

Nesse sentido, trago um pouco da teoria pós-colonial para dar início à conversa. Depois, vamos ao decolonial, para tratar de literatura e como esses conceitos foram tornando mais visível a escrita de autoria feminina negra, mesmo assim, as teorias foram evoluindo e não conseguiram abarcar as necessidades da mulher negra contemporânea. Surge o contracolonial. Todos esses conceitos vamos discutir a partir deste capítulo.

2.1 (DES)CONTROLE SOBRE O SILÊNCIO: ENTRE LUGARES DE FALA E DE APAGAMENTO

Ao tratar do feminismo, podemos falar que em países como o Brasil, no qual a mulher foi como diz Bonnici (2000) “duplamente colonizada” e como traz Spivak (2010) “se no

contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade”; a luta aparece na voz, na escrita, na busca pelo não silenciamento. Ainda, segundo Spivak, o subalterno quando fala deixa de ser subalterno. Nessa questão, em se tratando da autoria negra feminina, acredito que o subalterno possa falar do seu lugar de fala. O que ocorre é que pode não ser ouvido, pois a elite continua o silenciando, invisibilizando. As autoras de literatura negra brasileira continuam publicando, divulgando, mas não chegam à academia. Elas estão nos *Slams*, *Saraus*, mas nem sempre são ouvidas ou chegam ao grande público, continuando a ter um público não-leitor.

Elas produzem, fazem muitas vezes parte da academia, são tema de algumas pesquisas, mas sua produção escrita, livros, continua sendo ouvida por determinados grupos. Um ou outro pesquisador que fala sobre o tema. Uma outra pesquisadora negra que também debate sobre luta e ativismo. As falas, apresentações, seja em *saraus* ou *slams*, ficam restritas a esses grupos e têm maior dificuldade de chegar ao público em geral. Talvez, ainda, nos *slams*, chegue em grupos mais periféricos, em *saraus* em grupos organizados; mas, mesmo assim, a luta, o debate e o ativismo destas mulheres continua dentro de um determinado grupo e falando a um determinado grupo. De certa forma, a cultura dominante talvez impossibilite que vozes destoantes cheguem ao grande público (olhemos para o caso já citado aqui da professora que foi processada por levar a obra de Conceição Evaristo à escola).

Nesse sentido, o ativismo das poetisas se torna mais relevante, a partir da participação em diversos eventos, levando a poesia e a resistência para que chegue às mulheres que como elas estão percorrendo o mesmo caminho, seja em qualquer colocação, desde o lugar de fala da mulher negra. Por isso essa razão, a poesia de resistência é tão importante:

ele não suportou
quando empunhei
a voz
era muito mais fácil
ter controle
do meu silêncio (PUÃ, 2019, p. 49)

A voz da mulher não é cômoda, escutá-la leva a perder privilégios adquiridos, e quem quer isso? o patriarcado, o racismo, a elite? Nenhum deles se sente confortável quando vozes de mulheres negras surgem, o controle foi perdido e essas mulheres falam e contam suas histórias.

Ana Paula Freitas dos Santos, em sua dissertação de mestrado intitulada *Os contos de Conceição Evaristo e a representação da mulher negra : diáspora, gênero e descolonização* , nos explica como foi o projeto do colonialismo:

O colonialismo foi um projeto de espoliação e genocídio que aculturou os povos originários do Brasil e escravizou os povos africanos com a premissa cristã de que os negros não tinham alma e de que os indígenas precisavam ser convertidos. Na destituição desses sujeitos, suas humanidades e culturas foram aniquilados, porém a memória, a oralidade e suas crenças mantiveram o elo com a África e com a América, possibilitando na diáspora a reconstrução de seus imaginários, para enfrentar o legado do colonialismo até os dias atuais. (Santos, 2021, p. 20)

A partir do pós-colonialismo e feminismo a luta para integrar a mulher silenciada à sociedade se fortaleceu; os dois sistemas convergem nesse ponto. - as teorias não pensaram diretamente na mulher negra silenciada, mas foram mais um apoio às suas lutas. Bonnici (2000) cita Ngugi “nenhuma libertação cultural sem a libertação feminina”. Essa libertação feminina é importante na poesia feminina e está presente no livro de Bell Puã:

ele disse que
mulher deve ser feminina
mas homem afeminado
é motivo de piada
agir como mulherzinha
uma grande humilhação
ele disse que
mulher precisa ser feminina
mas a feminilidade é
pra ele
uma ofensa (PUÃ, 2019, p. 37)

Segundo Hooks:

Significativamente, a luta pelo fim da opressão sexista, cujo objetivo é destruir o fundamento cultural deste domínio, reforça as outras lutas por libertação. Os indivíduos que lutam pela erradicação do sexismo e não apoiam a luta pelo fim do racismo ou do classismo prejudicam os seus próprios esforços. Os indivíduos que lutam pela erradicação do racismo e do classismo, mas que, ao mesmo tempo, apoiam a opressão sexista, ajudam a conservar o fundamento cultural de todas as formas de opressão grupal. (HOOKS, -p. 31)

Não deve haver uma busca por libertação que não liberte a todos. A luta contra o racismo, o patriarcado e a luta de classes se faz presente em vários dos versos de Puã, assim como nos de Santos.

Ainda sobre pós-colonialismo, Balestrin nos explica como esses estudos chegaram tarde ao Brasil e que algumas situações relacionadas à opressão não foram criadas pelo colonialismo, mas foram mantidas a partir dele:

Como tantas escolas orientadas pelo “pós”, o pós-colonialismo compartilha, em meio suas diferentes perspectivas, do “caráter discursivo do social”, do “descentramento das narrativas e dos sujeitos contemporâneos”, do “método da desconstrução dos essencialismos” e da “proposta de uma epistemologia crítica às concepções dominantes de modernidade” (consta, 2006, p. 83-84). Na continuidade do argumento, sugere ainda que o “colonial” do termos ‘alude a situações de opressão diversas, definidas a partir de fronteiras de gênero, étnicas ou raciais’. Sobre esse ponto, nota-se que nem todas as situações de opressão são consequências do colonialismo - veja-se a história do patriarcado da escravidão -, ainda que possam ser reforçadas ou ser indiretamente reproduzidas por ele. Em sua, ainda que não haja colonialismo sem exploração ou opressão, o inverso nem sempre é verdadeiro. (Balestrin, 2013, p. 90)

O colonialismo se une à ideia de modernidade, que veio com os seus tentáculos como se fossem ideias novas para um mundo civilizado, mas o que seria civilizado? O que se entende por civilização é tudo que vem da Europa? A visão eurocêntrica de mundo, trazendo o conceito de raça e de civilização para com a modernidade capitalista nada mais é o que nos fala Walsh:

Construir la noción de *una* historia y *un* conocimiento “universal” a partir de la particularidad y localidad blanca europea, dejando fuera a África pero también a Latinoamérica, así a los africanos, a los latinos y afro americanos, Kant y Hegel, entre otros, contribuyeron a la clasificación del plantea de acuerdo con el imaginario moderno/colonial (Mignolo, 2003, 73). Es decir, hicieron que historias y conocimientos “locales” (europeos) se establecieran como “globales”. (Walsh, 2004, p. 3)

Sobre essa globalização e sobre essa construção de uma história única apagando as demais, Chimamanda Ngozi Adichie (2009) afirma “É assim que se cria a uma história única: mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna”. Nesse sentido, toda uma cultura, um saber ancestral acaba sendo invalidado. A poesia conta uma história e procura legitimar seu povo, sendo decolonial na literatura

Nosso saber ancestral
subestimado inválido
se vier da África
ou dos ameríndios
nem é conhecimento
chamam “atraso”
como se nossa metafísica fosse
por ser sufocada na sina
de ser só mais uma
moreninha latina (Puã, 2019, p. 44)

O saber ancestral aqui não foi só roubado, mas também sufocado. E, para Walsh,

En América Latina, este pensamiento eurocéntrico y racista encuentra sus bases en lo que el peruano Aníbal Quijano (2000) llama la “colonialidad del poder”. Al establecer en la colonia patrones de poder basados en una jerarquía racial y en la formación y distribución de identidades sociales (blancos, mestizos), borrarón las diferencias históricas de pueblos y nacionalidades, al subsumirlas en las identidades comunes y negativas de “indios” y “negros”. Así, promovieron una subordinación letrada de estas últimas como gente que no piensa y la colonialidad del poder instaló una diferencia que no es simplemente étnica y racial, sino colonial y epistémico; una diferencia que ha sido una constante en los países del área andina. (Walsh, 2004, p. 4)

Ainda conforme Araújo (2023), a poesia em *Lutar é crime*, de Bell Puã, mostra o retrato da colonialidade do poder, do saber e do ser na nossa sociedade, “importantes para a reinterpretção das dinâmicas histórico-sociais que os países latino-americanos vivenciam”. A colonialidade do saber refere-se a “subvalorização dos conhecimentos de populações subalternizadas” pois os conhecimentos das populações indígena e negra são ignorados. Na colonialidade do poder, “as relações de exploração da força de trabalho, recursos de produção, produtos e controle econômico entre os países, mais uma vez, uma nova compreensão das relações globais e locais, conceito elaborado por Quijano, mas ampliado por Maria Lugones ao incluir o gênero e sexualidade como elementos que também determinam a colonialidade do poder.

Os poemas analisados nos livros de Santos e Puã trazem esses assuntos que são atuais e necessários para o entendimento da nossa sociedade e de nossa constituição enquanto indivíduos. Cor, gênero e classe social são conceitos criados e sustentados pelo eurocentrismo, a partir de parâmetros que não nos servem, não nos representam. As temáticas são claras em alguns versos com tom de reclamação: “tá lá no script da nossa história/vamos imitar a Europa que um dia chega/ nossos tempos de glória/na concorrência com os irmãos?” Puã (2019) É grito de luta de guerra, falando abertamente das lutas e diferenças de classes e tratamentos na nossa sociedade. Uma luta que não deve vir separada da outra.

Respeita o lugar que foi explorado
desde 1500 pra arrancar cana-de-açúcar
respeita a capitania de Zumbi dos palmares
símbolo de negra luta (Puã, 2019, p 64)

Em outro verso:

Maldito o dia em que colombo

chegou ao norte
de fez suas andanças
nunca foi feliz o dia das nossas
latinas e negras crianças (Puã, 2019, p. 20)

A poesia de Puã trata dos temas colonialismo/moderno, luta de classes, racismo e patriarcado abertamente, comprometida com o público leitor¹² e com a realidade social brasileira. As duas poetisas tratam deste tema, e, mesmo na leitura, Bell parece que grita sua indignação, enquanto Ana parece ter certeza da indignação e de que se for preciso grita, mas escreve o que a sociedade não quer ouvir, ver ou mesmo ler. A eu-lírica em Ana está mais desiludida que a de Bell, as duas sabem o peso imposto pela sociedade patriarcal/colonial/moderna, mas reagem de forma distinta, na escrita, cada poeta tem sua forma de ser. A poesia de Bell com linguagem mais urbana, parece pronta para leitura em um *slam*, enquanto que a de Ana, está pronta também para leitura, mas é um pouco mais sóbria. O que percebo é que as duas poetisas quando precisam irão bater sua poesia em quem precisar “defesa do patrimônio é o caralho/defesa do meu povo” diz Bell (p. 27), Ana “Somos pau para toda obra/ e somos paulada nos racistas!” se preciso elas sabem bem sobre a peleja.

Ana dos Santos anuncia em seus versos outra forma de escravidão: o capitalismo, que mantém o colonialismo do poder quando negros ainda possuem o trabalho mais mal remunerado, crianças precisam trabalhar “o menino engraxate”:

CANÇÕES DE TRABALHO¹³

O negro foi salvo
pelo próprio trabalho
quando ele não o matou
de exaustão.
Na essência
da escravidão
estava a exploração.
Forçado trabalho
trabalho não pago
não pago e não valorizado.
Trabalho que não dignifica
que é preciso cantar
para esquecer
a dor
o cansaço
a fome.
O ser negro
a essência do trabalho

¹² Aqui falamos do público leitor que a autora já possui, pois o público não-leitor de que falei anteriormente não conhece sua obra.

¹³ O título do poema está em caixa alta, mantendo o formato encontrado no livro.

a mão que construiu
o Brasil.
Estudar sobre a abolição
e continuar a ser escravo
do trabalho
e do pão
e do olhar atravessado
Ninguém se surpreende mais
com um negro chicoteado
E os presídios estão cheios
de corpos acorrentados
decapitados
e esquartejados
Corpos negros
corpos e mentes
escravizados
caminhando diariamente
num país amaldiçoado
“num trem pras estrelas
depois dos navios negreiros,
outras correntezas...”
(Santos, 2020, p. 63-64)

No poema “Canções de trabalho” Ana dos Santos traz o tema do trabalho que não é um emprego, nem profissão, o trabalho não valorizado que exclui, “que não dignifica”. O poema vai da escravidão à atualidade e, numa crescente, descreve a sociedade atual; esse Brasil dos dias de hoje não parece tão distinto, apenas mudaram as prisões, a escravidão pelo trabalho não reconhecido e apenas para a sobrevivência ainda é uma forma de escravidão.

As dores de ter na cor da pele a condição de ser desprezado socialmente, as dores do ser negro estão claras no livro, e são sempre tema da poesia negra brasileira. No poema que fecha o livro *Pequenos grandes lábios negros* vemos: O negro vive,/numa noite escura,/uma noite interminável. (Santos, 2020) Esse tom de revolta e denúncia fica bem claro na continuação do poema na continuação: Nunca se está preparado/ para a maldade dos homens/ e das mulheres/ brancas!

Nessa maldade, a noite fica interminável, pois quando num momento do dia se faz sol, tudo vira noite novamente frente a maldade percebida. Basta abrir uma manchete de jornal. Percebo que essa revolta é que a denúncia não é de hoje, não é de agora, e nada é feito. É um sistema muito eficaz de controlar a sociedade, fazendo com que uns se acham melhores que outros, por dinheiro, cor de pele, gênero e tantos outros pontos que servem para nos diferenciar. Quando não somos diferenciados visivelmente, usam a semelhança, o mito de que todos somos iguais perante Deus, para impor o fato de que devemos aceitar o que o sistema como é e não nos revoltar. Debora Jean Lopes Silva nos fala, em sua dissertação de mestrado, desse mito de democracia racial e cita Djamila Ribeiro:

O “mito da democracia racial”, inspirado no princípio da miscigenação, blindou todo o histórico de racismo e escravidão existentes em nosso país, dificultando seu reconhecimento e conseqüentemente sua superação, já que não tem como enfrentar e buscar erradicar um problema que não existe. Djamila Ribeiro, filósofa, feminista negra, escritora e acadêmica brasileira contrapondo essa vertente, adverte que “não dá para falar em consciência humana enquanto pessoas negras não tiverem direitos iguais e sequer forem tratadas como humanas” é preciso sim falar sobre racismo, negar, silenciar sua existência é confirmar e perpetuar os mecanismos que o reproduzem. (Silva, 2021, p. 17-18)

Quantas Marielles¹⁴ ou Mães Beneditas¹⁵ serão necessárias para que parem de matar aqueles que usam a voz para pedir justiça e melhores condições sociais? Quantas vezes as mulheres, mulheres negras precisam morrer? Todo dia vira noite, sem luar ou estrelas. Desta forma, nunca amanhece. A madrugada se eterniza.

2.2 (DES)ENCAIXE AO PODER: A COLÔNIA E O QUILOMBO

A dor está na nossa formação enquanto povo, enquanto nação. O Brasil sempre buscou o eurocentrismo, mas alguns pesquisadores e o próprio povo (em especial dos de matriz africana e indígena), sabem que a ancestralidade também é um saber. É daí que parece nascer a busca por ir além do colonialismo, e “fazer do nosso jeito”. Por isso, é relevante ter a poesia e a literatura como armas para mostrar essas vivências, *escrevivendo* no poema, realizando a práxis decolonial. Os saraus e *slams* estão cheios de gritos, de esperança ou revolta, bem como de dor para que fique na memória, para que não se permita o apagamento das dores sofridas até aqui. Assim, o feminismo decolonial surge

para englobar práticas e reflexões a partir de experiências que se desligam dos discursos ocidental, neoliberal, individualista e desconectado das diferentes realidades do sul global. Surge como crítica à colonialidade e aos padrões condicionados a esse sistema que influencia todos os aspectos da sociedade. A corrente teórica decolonial inserida no campo dos estudos feministas faz uma crítica ao status quo, recupera pensamentos contra hegemônicos e analisa diferentes formas e experiências de ser mulher em suas múltiplas vivências, suas lutas e (re) existências. (Gasparetto e Speck, 2022, p. 131)

As escritoras negras ousam quando se reúnem em coletivos, para colocar em prática seus escritos, a partir do seu olhar no mundo, como nos fala Cardoso:

¹⁴ Referência a Marielle Franco, vereadora do Rio de Janeiro assassinada por milícias.
<https://www.cnnbrasil.com.br/tudo-sobre/marielle-franco/>

¹⁵ Líder quilombola assassinada a tiros, era ialorixá, líder religiosa, de Pitanga dos Palmares, Bahia.
<https://www.dw.com/pt-br/quem-era-a-l%C3%ADder-quilombola-assassinada-na-bahia/a-66574888>

As instituições de mulheres negras na sociedade brasileira, por si só, já são indicativas de ousadia, resistência e ação descolonizadora, são espaços seguros, fundamentais para o empoderamento individual e coletivo e para a construção do pensamento político das mulheres negras brasileiras. Assim, os vários espaços construídos pelas mulheres negras têm contribuído para sustentar nosso projeto de justiça social e de transformação da sociedade. (Cardoso, 2017, p. 124)

Quando as autoras trazem essa escrita carregada de empoderamento individual e coletivo, elas estão sendo decoloniais, na prática. Estão expondo suas escrevivências e gerando novas epistemologias como forma literária que emerge da voz para a escrita. Nem toda a literatura de autoria feminina negra brasileira irá emergir da voz, mas será uma literatura de resistência.

A própria Ana dos Santos (2021) fala sobre as reuniões nas quais Conceição Evaristo aprendeu a ouvir e por consequência contar histórias, diferentes da história única que se tentou impor porque eram narrativas que não partiam do olhar do colonizador. Eram outras histórias que precisavam e precisam ser contadas, decoloniais na sua essência. É o perigo da história única (Adichie, 2018). Ainda de acordo com a escritora “Essas vozes são o contraponto da escravidão africana, ou seja, a resistência. Essas vozes contam a história do Brasil pelo ponto de vista do dominado, do colonizado, do africano, do “Outro”. São vozes da diáspora africana”.

Essas vozes chegam até a academia? Percebo que o termo decolonial já chegou e algumas pesquisas sérias são feitas sobre essa literatura, ou mesmo em outras linhas de pesquisa; mas há muitos desafios para decolonizar o pensamento:

um dos desafios para “decolonizar o pensamento” e o “ser, o poder e o saber” é repensar a academia como um lugar plural e dialógico que possa propor espaços de reflexão entre ativistas e acadêmicas para conversar sobre o sentido dos projetos acadêmicos, políticos, culturais, descolonizar a práxis dos feminismos (na teoria e na prática) e constituir uma hegemonia de pensamento acadêmico engajado e transformador no Brasil, (Gaspardo e Speck, 2022, p. 139)

Esse desafio é complexo e trazer a autoria feminina negra brasileira contemporânea para a pesquisa na academia nos auxilia na realização dessa práxis. Araújo (2023) nos fala do trabalho de Bell Puã como decolonial: “O exercício artístico de Bell Puã em *Lutar é crime* é uma proposta exitosa de um trabalho decolonial e antirracista em que a subalternidade deixa de ser objeto e passa a ser sujeito do conhecimento, elaborado em seus próprios termos, assim como Ochy Curiel estimula.”

Figura 2: Bell Puã em performance



Fonte: <https://afoitas.wordpress.com/2018/05/06/bell-pua-embarca-para-representar-o-brasil-1-em-campeonato-internacional/> Acesso em 10 dez.2023

Embora perceba, em alguns momentos, que a decolonialidade está presente em muitos congressos, encontros, seminários, mas estão mesmo sendo decoloniais? Qual o público destes eventos? O que seria ser decolonial nos eventos? Visto que decolonialidade é práxis, trazer autoras de literatura feminina ou de literatura feminina negra ou de literatura feminina indígena para falar de tais temas seria o único sentido? Pode ser um começo, mas o público está aberto a ouvir? E que público? O que volta para suas casas e continua sua pesquisa para constar no lattes? A decolonialidade está para além do Lattes. É preciso que livros de autoria negra cheguem nas escolas, saiam das dissertações e cheguem naquele não-leitor. Apesar da existência da lei e obrigatoriedade do ensino da história e da cultura dos povos que povoaram o Brasil, o que se percebe é que nas escolas essa literatura chega apenas em datas comemorativas. O mês de novembro é o momento em que se fala da negritude. A questão não é levar a literatura de autoria negra aos discentes negros, mas sim a todos, assim como outras literaturas chegam a todos:

não se trata de defender textos voltados apenas para as crianças negras brasileiras, mas para todas as crianças. Chegar lá significa colocar o texto literário e seu leitor em primeiro lugar. Pertencer à narrativa, independentemente de ser um receptor negro ou não negro, pressupõe ver a si mesmo nos seres que vivem as aventuras do texto. Se os heróis oferecidos às crianças fogem de estigmas, por um lado, e, por

outro, de um ideal eurocêntrico, talvez a abertura para a diversidade seja possível. (Cardoso, , p. 130-131)

A produção do conhecimento deve ser feita articulada com as pessoas e não desvinculada da vida “real” e necessidades “práticas” delas. É necessário que nos apropriamos criticamente dos domínios do saber “ocidentais” e irmos além deles através do trabalho em conjunto de investigação com as pessoas e/ou comunidades envolvidas, indo ao encontro delas em seus “lugares de invenção” (ELA, 2013). Só assim podemos construir um conhecimento verdadeiramente válido e relevante.

Não que não seja importante a pesquisa acadêmica, mas ser decolonial é para além da academia, talvez a academia seja o local no qual o decolonial demore mais para abarcar, por conta da necessidade de olhar para a comunidade como fonte de conhecimento. O saber ancestral, o aprendizado não acadêmico, infelizmente, quando chega na academia ou não é considerado, ou é modificado. Estudar esses conhecimentos, a arte, a cultura, a vida de outras pessoas, a escrita, a poesia, deve ser levada a sério de uma forma ética.

Muitas comunidades estudadas têm seu conhecimento levado à academia e depois esquecido, não há um retorno à comunidade para mostrar o trabalho feito, a pesquisa. E, mesmo quando a comunidade chega, não é levada tão a sério por não ter sido um conhecimento feito, escrito, pesquisado nos moldes acadêmicos.

2.3 (DE)COLONIALIDADE À DERIVA: AQUILOMBAMENTO¹⁶ E POESIA

O aporte decolonial nem bem chegou na academia e a periferia já trouxe outra forma de se ver e ver o mundo. O subalterno, além de falar, cria suas epistemologias. Não se deixar nomear e conceituar pela academia é uma forma de ir contra tudo que está posto no mundo moderno-colonial.

Nesse sentido, percebi que a definição de “decolonialidade” já não basta para abarcar os conceitos aprendidos. Já não serve para representar essa poesia periférica que grita nas gargantas das escritoras negras, indígenas, das mulheres brasileiras. A poesia pede por libertação que só vem da própria literatura, da escrita destas mulheres, de tudo que elas quiserem falar e dizer em seus versos. A abordagem contracolonial aparece para trazer um olhar mais centrado no ser por ele mesmo, não pelo olhar do outro.

¹⁶ Aquilombamento: aquilombar-se, contemporaneamente, significa assumir uma estratégia de resistência e coletividade, protagonizada pela população negra, contra o poder hegemônico, tendo por base a mobilização política (Nascimento, 2006).

Conforme nos fala Antônio Bispo dos Santos (2015), o Nego Bispo:

Vamos compreender por colonização todos os processos etnocêntricos de invasão, expropriação, etnocídio, subjugação e até de substituição de uma cultura pela outra, independentemente do território físico geográfico em que essa cultura se encontra. E vamos compreender por contra colonização todos os processos de resistência e de luta em defesa dos territórios dos povos contra colonizadores, os símbolos, as significações e os modos de vida praticados nesses territórios. (Bispo, 2015, p. 47-48)

Nego Bispo, em *Colonização Quilombos: modos e significados* (2015), fala do perigo da história única, juntando-se, assim, à fala de Chimamanda Ngozi Adichie (2009), aquela que nos contaram na escola e que as novas leis tentam mudar. Bispo destaca a perseguição a tudo que significasse ser diferente do dominante. E, mesmo mudando leis, a elite continua embranquecendo o Brasil, com a história única contada. O autor faz um apanhado da história do racismo e colonialismo no Brasil, nesse país no qual o diferente é aniquilado e critica empresas que continuam explorando e destruindo nossas populações indígenas e quilombolas, bem como nossa fauna e flora, em nome do dinheiro. As leis mudam, as nomenclaturas mudam, mas é sempre mais do mesmo. O dominador que avança sobre os povos que quer dominar. Uma das grandes lições de Bispo (2015) está em afirmar que não podem ser decoloniais sujeitos que não foram colonizados, por isso a criação do termo contracolonial.

Na perspectiva do autor, as comunidades quilombolas ou indígenas são acusadas de serem povos atrasados, improdutivos e sem cultura, portanto, um empecilho ao avanço e ao desenvolvimento da integridade moral, social e econômica e cultural dos colonizadores. Porém, essas ideias esbarram na poesia:

nossas instituições
de ensino
têm tanto
a aprender
ensinam sobre
tamanhas importâncias
qual a função social
do seu trabalho?

pense o mundo
mude o mundo
só não esqueça
de produzir

renegue o capital,
mas modere-se
faça a crítica
mas se encaixe
no modelo

de produção
em série

infe o lattes
e o ego
fale do ponto
de vista
acadêmico
seja um
acadêmico

não boicote
o sistema
fale para que
só poucos
possam entender
restrinja o
conhecimento
ao público blasé

nossas instituições
de ensino
têm tanto
a aprender

tá ligado que
combatemos
e também caímos
no jogo das
relações de poder?

de que serve
teu conhecimento,
senão par alento
dum frustrado professor
a esperança adormecida
humildade perdida
num título de doutor?

que a rebeldia abençoe
nossas mentes
a língua formal
não encontre
mais forma
para existir
e a mesóclise vá
pruma galáxia
a anos-luz daqui

a tal da sapiência
só se absorve
quando se é
por inteiro
não intelecto
de aparência
relegados ao
debate de
... imanência e
transcendência...

intelectuais estão
 ao lado de quem
 não tem citação famosa
 nem menção honrosa
 nos livros e avenidas

nossas instituições
 de ensino
 têm tanto
 a aprender
 sobre despertar
 a consciência
 de classe
 sobre não produzir
 uma classe
 inelectu all

desconfiar da razão
 bombardear
 o eurocentrismo
 não reproduzir
 o discurso
 dominante
 pra onde foi
 a revolução
 que deu lugar
 a essa muito mais
 muito mais elite
 que pensante?
 (Puã, 2019, p. 21-23)

Nesse poema, Puã faz exatamente essa crítica às instituições de ensino que reproduzem o sistema e o perpetuam, ao invés de criar a consciência de classe e, mesmo, de aprender com o povo, as academias trazem seu conhecimento como único e certo a ser seguido e, na sua maioria, é um conhecimento eurocêntrico. A elite continua pensando como se vivesse na Europa de outros séculos. O conhecimento é importante, mas devemos usá-lo, uni-lo ao nosso, interpretá-lo e vê-lo como uma forma de viver em Abya Yala¹⁷.

A fala de Nego Bispo se junta ao poema de Puã; essas comunidades continuam sendo atacadas pelos colonizadores, que tomaram outra forma, outros nomes, mas o método é o mesmo. Para ele:

as comunidades contracolonizadoras, além de suas tradicionais armas de defesa, aos poucos, vêm se apropriando das armas de ataque dos colonizadores. Apesar disso, infelizmente, na maior parte das vezes as armas tecnológicas são apresentadas com um poder de destruição muitas vezes maior que o poder de defesa e de construção da vida das armas dos direitos legais, as quais muitas vezes as comunidades se apegam e seguem resistindo. (Bispo, 2015, p. 77)

¹⁷ Um dos nomes dados ao nosso continente - América - pelos verdadeiros donos da terra.

O autor ainda finaliza com um convite para que todos vivenciem “os sonhos, desejos, materiais e imateriais de emancipação humana na diversidade”. A luta contra o colonialismo é árdua, real, os povos diaspóricos e pindorâmicos que não entram no jogo, acabam sofrendo ataques ou sendo eliminados, ou mesmo, sendo mantidos a distância, nas prisões, nas favelas, na prisão do trabalho sem dignidade. Ao combater, muitas vezes caímos no discurso do dominador. E, conforme Santos:

A Literatura reflete o colonialismo na formação de um cânone que reproduz essas opressões. As narrativas não são imunes à contaminação de normatividade imposta pelo que seria o “homem universal”, o cidadão de bem legitimado pelas instituições, numa estrutura que esmaga os corpos que não se encaixam. (Santos, 2021, p. 14).

Percebo que a luta contracolonial, no combate ao colonialismo moderno, ainda tem muito a enfrentar, por isso se faz relevante trazer para a academia essa escrita de autoria feminina negra que, segundo Miriam Alves, desponta em um lugar de alteridade:

Uma voz que se assume. Interrogando, se interroga. Cobrando, se cobra. Indignada, se indigna. Inscrevendo-se para existir e dar significado à existência, e nesse ato se opõe. A partir de sua posição de raça e classe, apropria-se de um veículo que pela história social de opressão não lhe seria próprio, e o faz por meio do seu olhar e fala desnudando os conflitos da sociedade brasileira. Revela o que existe no universo emotivo daquelas mulheres que, nos textos literários das escritoras brancas brasileiras, moram nos quartos dos fundos, das quais mal se pressupõem uma vida, voz, existência e subjetividade própria. Essa escrita tira o véu, descobre-se e toca mediante as palavras, o próprio corpo sem escamotear os conflitos de raça e cor, tira as máscaras das relações de gênero e raça da sociedade onde está insesrida. Muito mais que isso, traz à tona a voz, o rosto (re)interpretados em emoções próprias para registrar e se autorrepresentar no território da Literatura. (Alves, 2011, p. 185-186)

As duas escritoras negras pesquisadas nesta dissertação trazem, na sua escrita, o engajamento político-social, que discute criticamente o sistema moderno-colonial-patriarcal que nos avassala diariamente. E, como diz Miriam Alves, trazem à tona a voz que interpreta e reinterpreta a sociedade, enquanto apenas produzimos sem nos dar conta que a produção é uma necessidade do capitalismo. No próximo capítulo, vamos saber um pouco mais sobre as autoras e sua escrita de suma importância para os estudos de literatura negra feminina brasileira.

3 ESCRITORAS: NEGRAS MULHERES EM VOZ E ARTE

*Eu não te ordeno, te peço
 Não é querer, é desejo;
 São estes meus votos - sim.
 Nem outra cousa eu almejo.
 E que mais posso eu querer?
 Ve-te Camões, Dante ou Milton,
 Ver-te poeta - e morrer.
 (Maria Firmina dos Reis)*

Durante meus estudos sobre oralidades e decolonialidades, percebi a relevância de estudar escritores e escritoras de literatura que, estando fora do cânone, produzem e são marca de determinada representatividade da mulher negra escritora, na sociedade brasileira. Isso se dá, provavelmente, em função das novas perspectivas nos estudos literários que passam a focar não somente nos grandes nomes, canonizados, mas também aos que estão à margem e/ou subalternizados. Essa linha de estudo pressupõe estudar, por exemplo, escritoras que ficam fora do eixo Rio/ São Paulo, ou que não moram, necessariamente, em bairros da alta classe média urbana; ou que não têm livre acesso aos trâmites de publicação, editoração e divulgação de suas obras. Essa percepção de “estar à margem”, aliada ao racismo que reforça o sentimento de não pertencimento social, frequentemente caracteriza a escritura negra feminina no Brasil.

Por essa razão, o projeto volta-se para o movimento que chega na escrita com suas vivências e necessidades de tematizar a mulher negra e a sociedade brasileira. Em poemas como

chegar num lugar
 que sempre
 te pertenceu
 é uma coisa

chegar num lugar
 que sempre
 te foi negado
 através da história,
 na TV, nos livros
 em olhares agressivos
 é outra (PUÃ, 2019. p 15)

Ou em,

Os homens que não amavam as mulheres
 diziam que amavam as mulheres
 mas,

matavam as mulheres... (SANTOS, 2020, p. 53),

A eu-lírica aborda o contexto da mulher negra do séc. XXI que luta para chegar em lugares que antes não eram possíveis. É uma eu-lírica consciente de que o lugar da mulher negra é aquele no qual ela deseja estar. O poema também mostra o racismo que essa mulher encontra nos lugares que lhe foram negados ao longo dos séculos de racismo e sexismo. Esse “é outra” no final denota a vitória, mesmo o lugar sendo negado, proibido, os olhares agressivos, o apagamento dessa mulher na tv e nos livros, ela chegou lá, sua vitória é muito mais que aplaudida, deve ser aclamada.

Figura 3: Ana dos Santos



Fonte: <https://literaturars.com.br/tag/ana-dos-santos/> Acesso em 30 dez. 2023

No segundo poema, temos uma eu-lírica que sofre com o feminicídio, com essa tentativa de silenciamento escancarada. Essa mulher tem rosto, tem cor e representa uma parcela significativa da nossa sociedade. A poesia é incansável na busca por uma vitória frente ao racismo e ao sexismo, a ancestralidade da eu-lírica negra que fala das mulheres que morreram frente a covardias de toda a ordem: patriarcal, religiosa, por conta da escravização. Mais do que isso, os versos buscam apontar que essa mulher sabe o valor de cada uma que a trouxe até aqui, é a ancestralidade sendo honrada, é a categoria mulher sendo lembrada, sendo exaltada, apesar de todos os pesares sofridos ao longo dos séculos de subalternidade.

Essa construção poética que resiste e que tem a marca de uma eu-lírica que grita contra o patriarcado está presente na escrita das duas autoras aqui pesquisadas. O feminismo negro, seja pela via do erotismo, seja pela crítica ao sistema, ou pela perspectiva do olhar feminino, está presente nos livros das duas autoras, em meio a outras críticas sociais. As poetas Ana dos Santos e Bell Puã, no seu fazer poético, tornam-se representativas da luta diária da mulher negra no Brasil.

Amaral (2020), no seu estudo sobre Bell Puã e a literatura periférica, comenta:

Ao longo dos anos, Pernambuco revelou uma das mais talentosas poetisas do país, Bell Puã, junto àqueles que quase sempre ficam à sombra ou em um plano secundário, se considerarmos o domínio quase absoluto dos homens nas antologias, nas revistas, nos livros e até nos eventos de literatura. Ela escreve para que todo o leitor atento consiga enxergar a si próprio enquanto ser humano pensante. Por consequência, a mulher negra, ser social a quem foi historicamente mais negado o acesso a esse tipo de construção reflexiva, torna-se personagem privilegiada de sua literatura tanto como assunto quanto como leitora (Amaral, 2020, p. 47)

Quanto à Ana dos Santos, a autora atua ativamente no centro que se tornou uma referência para a poesia e a identidade negra no Rio Grande do Sul. O SOPAPO POÉTICO - Ponto Negro da Poesia – constitui-se de encontros realizados pela ANdC (Associação Negra de Cultura) desde 2012, de março a novembro, sempre na última terça-feira do mês em Porto Alegre. A exemplo de outros saraus afro-brasileiros, o encontro celebra o protagonismo negro, em uma roda de atuações, reflexões e de convivências afrocentradas. Trata-se do espaço coletivo e seguro que já me referi no primeiro capítulo. Tettamanzy et al (2016) comentam que, no coletivo Sopapo Poético, “a poesia negra se afirma como forma de resistência, vindo carregada de um vocabulário próprio e de símbolos usados para reacender uma memória perversamente invisibilizada pelo racismo.” Como muitos dos saraus periféricos espalhados pelo país, o Sopapo Poético (Figura 1) auxilia poetisas e escritores a manter sua poesia viva e traz o povo para participar. Os autores acrescentam:

versos sobre a memória da escravidão e o racismo contemporâneo podem ser compatibilizados com a felicidade de estar juntos, expressada em risos, dança e música. No sarau se articula um ciclo temporal largo (da evocação da ancestralidade à projeção do futuro desejado) em âmbitos simbólicos diversos (poesia, música, religião, economia, política). Se a memória dos quilombos ou dos intelectuais da geração anterior é de resistência e dignidade, o Sapinho representa a renovação da esperança. No Sopapo Poético poesia e música negra fazem uma trança com a política identitária. (Tettamanzy et al, 2016, p. 176).

Figura 4 Sopápo Poético



Fonte: da página oficial do Sopapo Poético no Facebook
<https://www.facebook.com/SopapoPoetico?mibextid=ZbWKwL> Acesso em 15 jan. 2024

Essa poesia que surgiu na voz, concretizou-se nos coletivos e depois passou para as páginas dos livros para ser publicada é o foco desta pesquisa. São as escrevivências das quais nos fala Conceição Evaristo e que nos explica Ana dos Santos (2021) “A importância da memória nas escrevivências é ocupar esses vazios, se a História foi escrita por homens, onde está a História escrita por mulheres?” Nessa perspectiva, a fala de Ana Santos remete ao pensamento de Chimamanda Ngozi Adichie

Todas as histórias me fazem quem sou. Mas insistir só nas histórias negativas é simplificar minha experiência e não olhar para as muitas outras histórias que me formaram.

A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos, não é que eles sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história. (Adichie, 2009, p. 8)

A pesquisadora Rita Schimidt (1997) arremata: “Numa sociedade de violenta separação de esferas do público e do privado, da natureza e da cultura, do masculino e do feminino em termos de identidade e papel, não poderíamos esperar que os críticos escrevessem o outro lado da história”.

Estas mulheres têm muita potência na sua escrita, e eu acrescentaria que também na sua voz, pois a usam para levar a poesia nos encontros que participam, nas divulgações em saraus, slams e mesmo nas redes sociais, principalmente no Instagram, trago aqui divulgação feita no Instagram de Ana dos Santos (Figura 5)

Figura 5: Instagram Ana dos Santos



Fonte: *Print* do Instagram da autora, Ana dos Santos

<https://www.instagram.com/ana.flordolacio?igsh=MWZxa3hiNm9wdW5r> Acesso em 12 jan. 2024

Apesar de suas potentes vozes e sua força na difusão da poesia pelos lugares seguros ou nem tanto, pelos coletivos ou apresentações, reitero que o *corpus* da pesquisa são os poemas das autoras publicados nos livros *Pequenos grandes lábios negros* e *Lutar é crime*, de Ana dos Santos e Bell Puã, respectivamente. Nos livros, percebemos que as autoras em questão produzem sem medo de dizer ao que vieram e sua potência está na habilidade de explorar poeticamente a força das palavras. Nas obras, temas como a solidão da mulher negra, a ancestralidade, o racismo, o sexismo e a luta de classes estão, muitas vezes, imbricados no mesmo poema, como veremos na sequência.

3.1 Ana dos Santos: escrever é ocupar vazios

Ana dos Santos, além de poeta, é professora de Literatura Brasileira. Tem três livros publicados: *Flor* (2009), *Poerotisa* (2019) e *Pequenos grandes lábios negros* (2021) e participou de diversas coletâneas, inclusive do *Pretessência*, obra colaborativa do Sopo Poético. além de participar de coletâneas. É Acadêmica de Letras do Brasil/Rio Grande do Sul na cadeira 100 com a patrona Lélia Gonzalez.

A autora nos brinda com um livro publicado pela coleção do Mulherio das Letras (coletivo que expliquei no primeiro capítulo), o que corrobora a importância dos coletivos na vida das mulheres escritoras, de acordo com a própria autora:

O movimento surgido em 2017 em João Pessoa - PB atende ao propósito de promover a escrita de autoria feminina, a partir de uma rede de apoio e produção composta por mulheres. Rapidamente, a iniciativa ganha o país: o Mulherio é hoje um coletivo nacional, que promove a inserção de autores de várias regiões brasileiras, fugindo ao eixo restrito Rio-São Paulo, com forte representação no exterior. Somos professoras, atuando na educação básica e na universidade, pesquisadoras, empresárias, chefs de cozinha, ecólogas, artistas plásticas, produtoras e ativistas culturais, mas somos, sobretudo, escritoras - profissionais da palavra, na querência de estabelecer nossas vozes no mercado editorial brasileiro. Mulherio das letras 2020 (Santos, 2020, p. 8)

O livro da autora gaúcha está dividido em 3 partes: Poeróticos, Língua e Poenegros. É publicado por uma pequena editora Vieras Abiertas e divulgado pela internet, principalmente, visto que foi lançado em meio à pandemia da Covid 19.

Pegrandes lábios negros é provocação, é denúncia, é revolta. É a mulher, sendo representada através das palavras; seus desejos, suas descobertas, o ser mulher no mundo, o ser mulher negra no Brasil. |É a representatividade negra sendo comemorada e a denúncia da exploração do povo diaspórico.

3.1.1 Poeróticos: gozando cada palavra

A autora, que já trabalhou o tema do erotismo em *Poerotisa*, em 2019, alicerça o livro *Pequenos grandes lábios negros* com poemas eróticos, mote que muitas vezes é tabu, sobretudo na escrita de mulheres. No caso específico das mulheres negras, o erotismo torna-se, na voz de escritoras também negras, uma urgência de reescrita, tendo em vista que os corpos femininos negros foram sexualizados à exaustão, tanto na realidade marcada pela escravização quando as escravizadas estavam à mercê de seus senhores quanto no imaginário coletivo, como imagem de exportação turística do Brasil, no carnaval, no mito da “mulatice”). Santiago (2020) analisa o erotismo na literatura de autoria feminina negra:

Mulheres negras, nesse ínterim, reivindicam a notoriedade de seus corpos, ancestralidades, idiosincrasias e potencialidades. Buscam o seu direito à fala e à existência, exibindo-se falantes em processos de empoderamento de seus corpos e detentoras de discursos e saberes apropriados para se libertarem da dóxa masculina. Com traços emancipatórios, em diversos segmentos socioculturais, elas encenam os seus corpos imbuídos de práticas de narratividades e assenhoreamento de si, bem

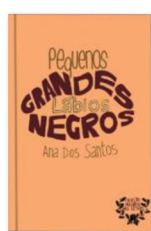
como de desejos de protagonismos sociais, políticos, profissionais, e também afetivos e sexuais.

Donas dos seus corpos, mulheres negras buscam direitos e conhecimentos dos seus corpos e protagonismos nas relações sociais, profissionais, familiares, amorosas, de afeto e sexuais. Dessilenciam seus corpos, atribuindo-lhes vozes e discursos, embora ainda continuem submetidos aos territórios, modos e dispositivos que favorecem ao seu ensurdecimento.. (Santiago, 2020, p. 116-117)

Essa libertação é também sexual, diferente dos poemas eróticos femininos escritos por mulheres que também buscam libertação pela poesia. A autora negra busca a libertação sexual e do estereótipo de mulher submissa; essa mulher é dona do seu prazer, do seu corpo para fazer o que quiser.

Retomando *Pequenos grandes lábios negros* e a questão do erotismo que conduz os versos, na construção do título na capa (Figura 6) vemos performado, justamente, lábios em cor marrom, o que denota que a poeta acena para o erotismo presente em sua poesia. É preciso dizer, contudo, que essa referência pode ser lida a partir de outro pressuposto, isto é, o fato de a imagem também indicar características atinentes à boca de uma mulher negra, com seus lábios grossos. Essa feição, ao longo da história do povo negro, muitas vezes foi motivo para manifestações racistas. Contemporaneamente, assim como ocorre com o cabelo crespo, os lábios de mulheres negras, ressaltados com contornos e maquiagem adequada, podem ser vistos como um ato político (Nós negros, 2022).

Figura 6: Capa do Livro



Capa do livro *Pequenos grandes lábios negros*, Ana dos Santos

No trabalho anterior, em *Poerotisa*, Santos apresenta o tema do erótico apenas. Porém diferentemente deste livro, *Pequenos grandes lábios negros* possui outros temas que se entrelaçam e se unem como a flor de desabrocha, que vira veneno ou cresce no lodo.

Na poesia de Ana dos Santos, a eu-lírica é a responsável pelo seu prazer, sem intermediário, sem convenções. Contudo, o erotismo, em Santos, também se mescla à solidão

que permeia os versos sempre curtos e, em certa medida, impetuosos: “Vou gozar cada palavra/que não me deixa gozar”(p.24). A eu-lírica sonha com a paixão, com o êxtase, mas não se perde em devaneios que a impeçam de escolher se quer ou não companhia: “Ele vai dormir sem seu gemido”. Ela é a mulher que sente desejo e não se culpa por isso sua vontade própria de se apaixonar na primavera e de que as “poesias florescem em mim”, diz e com mais suavidade, termina essa parte para ir à língua, segunda parte do livro.

A mulher passa a ser a dona do seu corpo, não dependendo de ninguém, nem mesmo para ser amada, sua sexualidade é só sua, mesmo em solidão. O elemento erótico na poesia não é tema desta pesquisa, razão pela qual não avanço na análise desse contexto. No entanto, a expressão da sexualidade da eu-lírica na escrita da poeta está intrinsecamente ligada, sim, ao tema da pesquisa que foca na fala da mulher negra, na manifestação de si, na sexualidade, na liberdade de ser a dona do seu corpo.

3.1.2 Língua: com os verbos, eu existo

Na segunda parte, “Língua”, a metapoesia se faz presente e é a arte que salva a eu-lírica com o poder da palavra. A palavra se torna pulsante e precisa ser escrita, lida, divulgada. Como um ser que cria vida própria, a poesia não pertence mais a quem a escreveu. Ter a palavra é ter o poder:

Palavras

Com as palavras
aprendi a fazer mantras
a desdobrar o tempo
e projetar o espaço
Dou ordens de comando
e desmando certas ordens
Reinvento o passado
e altero o futuro.
Só com palavras.
Com as palavras
dou a luz
com os verbos
atualizo a carne
com os nomes
faço poemas de amor
Tiro leite das pedras
e flores das mãos.
Só com palavras.
(Santos, 2020, p.36)

Entendo que o poema “Palavras” trate do ofício da escritora, que usa da palavra para contar suas histórias, inclusive as que não foram contadas, as esquecidas, as silenciadas: “desdobrar o tempo”. A historiadora é uma escritora que precisa seguir um curso através de provas e documentos, enquanto a poeta pode seguir um curso inesperado. Ao mesmo tempo que esses versos dão poder à poeta, essa poeta expressa a sua escrevivência, sua luta, seu modo de ver o mundo, de ser e estar nele. A mulher, mãe, poeta, trabalhadora, escritora, surge nos versos ali presentes. Sua memória ancestral, sua identidade manifestada em versos.

Essas palavras são a salvação. E a poeta volta ao tema da solidão: “Encontrar um José/ é mais difícil do que se imagina.” Fazendo alusão à religião, a mulher espera o príncipe encantado. Ela não é santa, nem princesa. É a mulher que se pergunta por que as outras mulheres aceitam a submissão e o patriarcado que se manifesta, inclusive, entre as próprias mulheres.

Esta mesma mulher que se descobre em facetas, “o buquê de flores/ de espinhos e jasmim”, descobre a natureza humana de maldade. O poema traz a denúncia do abandono, das várias formas de transformar um ser humano em lixo. Esse lixo, porém, é reciclável, ou seja, há uma solução para essa humanidade perdida. A solução poderia ser a palavra-poesia, poderia ser também o amor que “ressuscita corpos dos guerrilheiros”. A mulher que, mesmo dona de si, e do seu corpo – ou justamente por isso – gesta outro ser e acaba por descobrir-se mãe. Essa mulher se reinventa.

Novamente, o tema da solidão da mulher negra aparece, tema esse, conforme dito anteriormente, que permeia todo o livro de Ana dos Santos. A mulher que foi escravizada, vista como um corpo para o trabalho ou para o prazer, que ficou com os trabalhos menos dignos, acaba só, ou mesmo é abandonada e torna-se mãe e pai de seus filhos, mantenedora da família. E, quando consegue romper com os laços colonialistas, acontece a individualização a qual o capitalismo a joga, conforme explica Beatriz Nascimento:

Quanto mais a mulher negra se especializa profissionalmente em uma sociedade desse tipo, mais é levada a individualizar-se. Sua rede de relações também se especializa. Sua construção psíquica, forjada no embate entre sua individualidade e a pressão da discriminação racial, muitas vezes surge como impedimento à atração do outro, na medida em que este, habituado aos padrões formais de relação dual, teme a potência inesperada dessa mulher. Também ela, por sua vez, acaba por rejeitar esses outros homens, pois não aceitará uma proposta de dominação unilateral. (Nascimento, 2019, p. 267)

Trago "Melancolia" que trata dessa solidão como um todo na vida dessa mulher, na escrita, na leitura, não há quem ouça, o silêncio se perpetua. A eu-lírica se vê sozinha na vida, nos seus versos, na sua voz e encontra refúgio nesta solidão.

MELANCOLIA

Sinto saudades do que não vivi
 Melancolia nasce com o sol
 e me faz uma pergunta:
 Por quê?
 Melancolia não esquentar os dias frios...
 Me espreita com paciência
 e deixa o céu com nuvens
 encobrir o calor
 Pra quê?
 Ela me pergunta,
 somos íntimas
 Nasci melancólica
 Nasci sozinha e
 me vejo sozinha
 em meio à multidão
 Prefiro a introspecção
 O silêncio
 A inação
 Melancolia se derrama
 nas canções
 se espalha pelos versos
 que escrevemos sozinhos
 Penso, logo insisto,
 em pensar mais
 e me refúgio
 nas estrelas
 Para o mundo
 que eu quero descer,
 nas asas da melancolia
 Descer com o pôr do sol
 o crepúsculo dos meus dias
 para reiniciar
 mais um
 melancodia.
 (Santos, 2020, p. 42-43)

A eu-lírica se vê apagada, magoada com essa solidão, para o mundo ela não existe Mas ela insiste. Ela sabe da existência do amor-próprio e ele "é concreto!" Não se abala com choro ou abandono. Pois como nos fala Nascimento (2019), essa mulher rejeita a fantasia da submissão amorosa, tornando-se participante e não reproduzindo o comportamento masculino autoritário, assumindo uma postura crítica, "intermediando sua própria história e seu ethos". Quando a solidão novamente se mostra, é necessário o amor. E "TUDO CURA, TUDO VIRA/LITERATURA", assim mesmo, com letras maiúsculas como um grito de libertação pela literatura, a cura está na poesia.

A flor cheia de espinhos quer ser deixada em paz e com sua voz livre sabe que pode usar as palavras a seu favor. Mais uma vez as palavras estão em maiúsculas no meio dos versos gritando: SONHO, OLHAR, LÁGRIMA, IMAGINAÇÃO, AMOR. Esse recurso representa o poder da voz nos poemas, o poder de falar mais alto, o poder das palavras e de como são ditas. E o poder de saber usar as palavras. A poesia não a deixa só ela é um “organismo vivo”.

3.1.3 Poenegros: cheiro de pólvora

Os Poenegros trazem a denúncia do racismo e do sexismo no país. Neste sentido, a poesia de Santos se localiza claramente. Se, na primeira e na segunda parte, encontramos temas mais universais, como o erotismo, a melancolia, a luta da poeta com as palavras, em “Poenegros”, a realidade sobre ser negro e, principalmente, sobre ser mulher negra no Brasil revela-se em denúncia contundente. Os poemas deixam claro que a bala encontra a pele negra, que existem diferenças sociais no tratamento cotidiano, no acesso ao trabalho. O modo como o racismo se estruturou na nossa sociedade é identificado e denunciado pela poeta:

Olhar calibre 38

Se tem um olhar
que toda pessoa negra sabe reconhecer
é o olhar racista.
Desde criança,
aprendemos que somos diferentes
e que vão nos olhar
de forma diferente.
Só não sabemos o porquê...
O olhar calibre 38
atira para matar.
Eu sinto o cheiro
de racista
de longe...
É cheiro de pólvora!
(Santos, 2020, p. 70)

O cheiro de pólvora paira sobre negros e negras: o olhar, os gestos, a diferença que mata vidas, mata ideias, mata a alma. A eu-lírica sabe que, parafraseando Elza Soares, a carne negra é a mais barata do mercado e vale menos que uma bala de revólver. Santos ainda destaca a incoerência do ódio unilateral e sem sentido: “só não sabemos o porquê”. Essa dúvida torna a luta mais árdua porque o racismo é palpável no olhar, mas não na causa.

“Poenegros”, contudo, também demarca o enaltecimento o povo diaspórico, o povo

que construiu o Brasil, mesmo que uma parcela da sociedade o despreze: “o negro é terra”, e então, a flor que era jasmim, vira “flor pisada, despedaçada” e passa a ferir também e a florescer nos esgotos, nos lugares que a sociedade tenta esconder. Mas a flor continua sendo flor, florescendo, crescendo, multiplicando. A flor simboliza principalmente a mulher negra, invisibilizada, silenciada, mas viva e forte “ eu nunca mais vou morrer!”. Entretanto, mesmo sendo flor, não é calmária: “Somos pau pra toda obra/ e somos pauladas nos racistas”. A inteligência e a escrita são as armas da eu-lírica. E, sendo brotos, vêm de sementes fortes que florescem no asfalto. A flor é a poesia que floresce como um lindo cabelo *black* resplandecente:

Estamos armados
até os dentes
de argumentos antirracistas
Somos brotos e sementes
que furam o asfalto
e florescem em nossas cabeças
como blacks resplandecentes!
(Santos, 2020, p. 57)

Todas as três partes do livro têm um tema que as atravessa: a solidão da mulher negra. Essa mulher é só para criar os filhos, para sobreviver, para sofrer, para escrever, para amar, já que sobre o amor a eu-lírica diz nada saber.

3.1.4 Ana dos Santos: armada e de braços abertos

O livro aqui estudado foi lançado em 2020. Naquele momento, o mundo estava em meio a pandemia. O nosso país foi envolvido pelo ódio e pelo conservadorismo sem precedentes, graças, acredito, à chancela do governo federal que permitiu que a intolerância “saísse do armário”: pobre, pretos, indígenas e mulheres foram, na ocasião, e continuam sendo, os alvos mais vulneráveis quando o fascismo está em curso. Assim, em meio às perdas provocadas pela pandemia, sucedeu o exacerbamento de políticas excludentes, encabeçadas por uma extrema-direita defensora do escravismo, do extermínio de pobres e da revisão predatória dos direitos dos trabalhadores. O racismo contra negros e indígenas tornou-se evidente e acredito que podemos dizer que tal situação acabou, ao menos parcialmente, com quaisquer ilusões a respeito da propalada democracia racial brasileira.

Envolta nesse contexto, Ana dos Santos, assim como grande parte dos artistas, sofreu ante a dificuldade de publicar, bem como com as circunstâncias sociais, políticas e

econômicas do momento. Um livro lançado também em meio a uma pandemia, no qual a poeta não pode fazer as divulgações normais, não pode estar cara a cara com seus leitores, precisou usar as redes sociais mais do que nunca para a divulgação. Ana participou de *lives*, mesas e, claro, de coletivos. Ana absorve todo o impacto do caos e o apresenta na sua obra sem, contudo, perder a esperança que está na palavra. Um dos poemas de Ana traz esse otimismo que está presente também na poesia da Bell, o otimismo de que o amor vence:

Em tempos de ódio
 é bom andar amada
 e armada
 de olhar atento,
 de sorriso nos lábios,
 de escuta aberta ao outro.
 Armada de braços abertos
 que abraçam o coração alheio
 e desarmar armadilhas e ilusões
 É bom estar munida
 de raios de luz, de silêncio oportuno
 de retirada estratégica e ressignificação
 ...
 Não parece,
 mas o amor vem vencendo essa guerra,

(Santos, 2020, p. 40)

Apesar da crítica presente à sociedade como tal, prevalece o otimismo, a vontade de vencer o ódio e de ter o amor presente no mundo. O silêncio oportuno é para que as guerreiras se retirem, para planejarem um novo modo de agir. Ainda bem que “o amor vem vencendo essa guerra” e nos lembra que há uma luz no fim do túnel, mas não sem luta. Há que se reinventar a mulher, a mulher negra vem “existindo” e resistindo, é uma luta sem fim, mas o amor vence quando encontramos mais guerrilheiras do amor, mulheres na luta, mais braços dados e muitos momentos catárticos de poesia como os *saraus* e *slams*. Como os próprios versos da Ana dos Santos nos dizem “Tudo cura, tudo vira literatura”.

A literatura está aí para curar as feridas, para mostrar a arte, a cultura, a existência, a resistência de tantas mulheres, de tantas mulheres negras. Só que essa mulher é flor que cresce no asfalto. Há um poema, nessa parte do livro, que chamou minha atenção, pois discute os lugares estipulados para a mulher negra na sociedade colonializada que vivemos:

As babás de branco
 As babás pretas
 cuidam bebês brancos.
 As babás de branco
 As babás são pretas
 e usam uniformes brancos.

As babás de branco
 Eu não brinco
 com as babás de branco,
 a vida delas,
 não é brincadeira! (Santos, 2020, p. 71)

O poema traz, em seus versos, um feminismo que não venceu. Ele deixou que mulheres fossem à rua trabalhar, estudar, como já mencionei no capítulo anterior, para isso outras precisam assumir suas tarefas dentro de casa. O que nos mostra que as conquistas feministas não são iguais para todas. Ana dos Santos transparece sua inconformidade com esse fato em muitos versos do livro pesquisado: o discurso de luta pelos direitos da mulher negra e pela irmandade que precisam formar para vencer o patriarcado, racismo está na sua escrita. A subalternizada já pode falar, ler, escrever e não vai mais calar diante dos absurdos da nossa sociedade.

No poema “Carta para a irmã Malunga”, a poeta apresenta essa diferença nos versos: Nós já sabemos ler e escrever/ somos privilegiadas/ Pela cor da pele/irmanada/ Malungas/ insubmissas/ Queremos contar outras histórias”. Podemos perceber que para essas mulheres, já saber ler e escrever é um privilégio. Essa diferença, de saber ler e escrever, também se mostra no como saber se defender, o poema segue:

Queremos nos fortalecer
 para quando bater de frente com o
 racismo,
 saber dar uma rasteira,
 um rabo de arraia
 ou uma voadora,
 dependendo da ocasião...
 (Santos, 2020, p. 66)

Percebemos que a palavra “racismo” ficou sozinha e abandonada num único verso, numa única linha, não para que chame a atenção, mas que seja realmente abandonado, relegado, extinguido. E quando surgir, que não se permita que permaneça. Que as mulheres negras se unam como ela segue pedindo no próprio poema.

“Os homens que não amavam as mulheres” é o ponto forte, na minha opinião, do livro. É o poema que aborda os temas dos quais venho falando: a dor da mulher negra, o valor da ancestralidade, a memória. Fala das tantas mulheres que sofreram e sofrem no sistema sexista, racista, machista no qual vivemos. Fala de aborto, da morte de cada mulher, do sentimento de perda ancestral, do vínculo que se perdeu da sua origem.

Femicídio, aborto, escravidão, estupro, abuso infantil, são temas do poema e ao final

não há um homem no qual se possa confiar. A mulher está só e, na sua solidão, constrói a vida. Com cada morte, com cada sofrimento, a eu-lírico se identifica, como morrendo todas estas vezes. Cada mulher morta é a morte de todas nós. Cada sofrimento é o que nos registra culturalmente como somos e o porquê lutamos.

Figura 7: Ana dos Santos



Fonte: Rede Sina

Resistir para existir encontrou espaço na voz e na escrita, mesmo que essa não seja, ainda, uma situação amplamente conquistada. Na escrita de Ana dos Santos, o poema se torna um legado de cada mulher queimada na fogueira, cada mulher estuprada, cada menina morta, cada aborto clandestino. Mais ainda, na forma da poesia, o grito se torna uma ode à resistência, um grito pela vida.

3.2 BELL PUÃ: O QUE ME LIBERTA

Bell Puã é historiadora, poeta, atriz, *rapper* e *slammer* vencedora do Campeonato Nacional de poesia falada Slam BR – 2017. Representou o Brasil no *Poetry Slam Word Cup* – 2018 e é um nome de peso da poesia falada.. Em 2019, publicou o livro *Lutar é crime* (2019).

A inovação de Bell Puã na escrita de *Lutar é crime* está em trazer para o livro a poesia falada, a voz da mulher negra que fala ao público dos coletivos, ao Slam. Laura Emília Araújo fala sobre o livro *Lutar é crime*:

Um trabalho ainda incipiente que se empenha em compreender essa literatura tão poderosa e contemporânea. É interessante ao se realizar uma análise literária perceber a profundidade e variedade de significações que um texto pode trazer consigo, cada escritor faz seu recorte sobre a realidade na qual está inserido, ler uma obra com essa temática é de extrema relevância..

Edouard Glissant (2005) comenta que um dos papéis do poeta seria: “defender sua comunidade dentro da realidade de um caos-mundo que não mais permite o universal, generalizante”. Esta função é desempenhada de maneira extraordinária por Bell Puã. Finalmente, é importante destacar a inovação que Bell traz para a tradição literária brasileira, se distanciando das expectativas, muitas vezes estereotipadas, que é esperada de escritoras, percebemos a rasura de inúmeros “limites” estético-literários neste trabalho. (Araújo, 2023, p. 179)

Lutar é crime nasce de uma poesia que traduz um pouco a potência da voz. Em seu livro, a autora traz o grito das mulheres, de negras e negros, dos silenciados. O texto divide-se em duas partes: “Peso” e “Contrapeso”, as poesias ditam o clima de luta e de indignação: “A obra inspirada em Marcelino Freire (...) onde a atual realidade do Brasil cada vez mais engaiola o direito de reagir às desigualdades. Se lutar é crime, a expressão de condenada é, afinal, o que me liberta” (PUÃ, 2019).

Figura 8 Capa do Livro



Capa do livro *Lutar é crime*, Bell Puã

3.2.1 Peso: feito mocinha

Na primeira parte do livro, intitulada “Peso”, vemos a denúncia na poesia, há uma determinação em mostrar os crimes contra a população brasileira negra/indígena brasileira:

Já fui considerada
uma menina de or
até perceber que tudo
também tinha cor

o humor era negro
o mercado era negro
caso eu tivesse boa intenção
minha inveja seria branca
caso o bagulho embaçasse
a coisa tava preta
caso eu fosse pessoa de bem
minha alma seria branca
mas se eu fosse mau caráter
estaria na lista negra

sabia que pra ter lugar digno
na aquarela do brasil
precisava ser
uma menina de cor
tom sobre tom
-parda (PUÃ, 2019, p. 16)

A eu-lírica expõe o racismo do Brasil, que aparece aqui com letra minúscula, pois se o país não lhe dá importância, ela também não lhe fará reverência, nem vai gastar letra maiúscula com seu nome. Puã mostra toda a linguagem utilizada que muitas vezes não nos damos conta e que é racismo, é uma forma de exclusão, pois se tudo que é preto é ruim e tudo que é branco é bom na linguagem, algo essa linguagem quer representar; a cultura de um povo que se exclui, que exclui o outro, que discrimina através do próprio vocabulário.

Já de início, vemos que o livro possui poemas livres, com ou sem rimas ou marcas ou exigências, a única exigência é ser combativa. *Lutar é crime* é um livro de peleja, de poesia que veio da voz, da oralidade. Quando se fala em literatura oral ou oratura, podemos fazer referência a Schipper (2010) “Na verdade, um “texto” oral não existe por si mesmo, sem performance: a presença mesma do apresentador, do contador de histórias, do cantor – sem o qual o qual a literatura oral não pode existir”. Considerando que a poeta vem da literatura oral, do poema para ser declamado, para ser recitado, para ser performado, é relevante perceber que a poeta consegue através dos signos linguísticos e de sua forma poética passar um pouco dessa performance mesmo na escrita. Segundo Zumthor (1997) “O poema assim se “joga”: em cena (performance) ou no interior de um corpo e de um espírito (leitura)”. A

poesia de *Lutar é crime* tem essa marca da poesia em cena, da poesia que não fica só no livro, mas vai para os palcos. “Slam I” (p. 40) é o mais representativo da poesia da voz, com esse poema Bell finalizou o campeonato Slam¹⁸ BR, sendo campeã, mas eu diria que todos possuem o efeito de uma poeta que sabe performar e carrega essa prática na sua escrita. O poema abarca os temas sobre os quais venho falando, isto é, gênero, raça e classe, além de estar carregado tanto de ancestralidade quanto da atualidade.

Figura 9 Slam BR



Fonte: Voz das comunidades <https://www.vozdascomunidades.com.br/geral/slam-br-2018-mais-um-capitulo-da-revolucao-falada/> Acesso em 18 dez. 2023

Bell Puã também destaca a solidão feminina, embora com menos frequência que Ana dos Santos. Em Puã, a solidão é sentida como crítica ao patriarcado e denúncia de classe, por exemplo, na mãe solo que é pobre e preta: “sem muitas opções de paisagem ou companhia ou locomoção” ou em “solidão das mulheres pretas/ das mães abandonadas/criando filhos com seu suor/ sinto raiva em minhas veias/ mulheres mais vulneráveis do que eu”.

¹⁸ Deixo o link da performance da final do Slam BR 2017: https://www.youtube.com/watch?v=Te7cJ_-3TxU

No poema:

ele disse que
mulher precisa ser feminina
mas homem afeminado
é motivo de piada
agir como mulherzinha
uma grande humilhação
ele disse que
mulher precisa ser feminina
mas a feminilidade é
pra ele
uma ofensa
(Puã, 2019, p. 37)

O racismo aparece em quase todos os versos e mostra que, muitas vezes, a mulher negra tenta se moldar. Não só o racismo como o sexismo, pois aqui percebemos que o homem quer que a mulher seja feminina, mas abomina ser como a mulher, ser como mulher é piada. Acaba que essa forma de querer a mulher tenha um determinado comportamento é uma forma de mantê-las submissas, ao homem, ao mercado, ao que ser feminina e ter feminilidade representam na sociedade como um todo. O ser mulher não é valorizado e tudo que a representa é humilhação se visto em um homem.

Me sentei feito mocinha
passei a escova no cabelo
depois de alisar de chapinha
usei roupa de respeito
falei em três línguas
mesmo assim fui assediada
mesmo assim fui perguntada
se meu lugar era na cozinha
(Puã, 2019, p. 39)

Os homens são, então, monstros fora do armário que atacam, estupram, matam e não parece fazer diferença em como se veste ou se segue os desígnios sociais exigidos das mulheres negras. O racismo vai aparecer, o elitismo vai surgir. Nesse poema de Puã, a eu-lírica tenta seguir as regras colonialistas/modernistas, tentando transparecer o esperado para o esteriótipo de mulher branca elegível - sentar com pernas fechadas, cabelo liso e roupa de respeito, aquele velho clichê de “ter boa aparência”. Mas não é a boa aparência que buscam, é a branca, que a eu-lírica não o é e, como negra, foi racializada; o preconceito fala mais alto. É o peso de viver em um país eurocentrado em plena América Latina.

3.2.2 Contrapeso: e os canalhas?

Na segunda parte de *Lutar é crime*, constatamos que há uma reação de indignação por toda essa realidade que nos cerca. A eu-lírica não aguenta mais o peso de todos os crimes cometidos em nome de uma civilização que não é regra, de uma norma que criminaliza quem busca justiça. A reação não permite mais que se fique calado:

reaja

aprendi a ser paciente
com meus erros
pois tão diários
contínuos
também ser calma
com o outro
e suas descuidadas falhas
mas aos canalhas?
Toda minha raiva
alvoroço ânsia
indignação
se não reconhece
seus deslizes
discrimina explora
endossa violências
à puta que pariu, meu bem
haja paciência (Puã, 2019, p. 58)

O poema aqui é curto para participar de um *Slam*, local no qual - como já comentado - a poeta pode explorar sua poesia por 3 minutos; mas, mesmo assim, é um poema potente, feito para a voz, para a garganta, prevê uma leitura que enfatize o final, exigindo uma boa interpretação da leitora/recitadora, que pode potencializá-lo com uma bela performance em frente ao público ouvinte/leitor.

Em contrapeso, o amor aparece mais, como “o sábio”. O amor vence? Venceu? Não sabemos, mas o que vale é que o amor é genuíno e o afeto real em suas infinitas variáveis. “O amor inclui” e nele as coisas acontecem:

É incrível como o amor
assume tantas
cores e maneiras
mas há quem prefira
golpear liberdades
a compreender
sim meta a colher
no que for abusivo
não no real afeto
e as variáveis
que ele possui

diferente da nossa
sociedade excludente
o amor é sábio
o amor inclui.
(Puã, 2019, p. 81)

O contrapeso é ir adiante, enfrentar as barreiras, reagir, usar a voz. A poesia, escrita e falada, é um ato político. Fazer poesia, então, é um ato político, mulheres escrevendo, mulheres negras escrevendo é uma transgressão, um romper com essa determinação de como as mulheres devem ser, elas devem reagir.

3.2.3 Bell Puã: quando é preciso pesar a voz

A poesia que usa o poder da voz pesa onde é necessário. Bell Puã usa sua voz, sua musicalidade como forma de protesto, como forma de resistir. Seus poemas falam de sentimentos, mas existe um peso a ser pago: o peso é o que auxilia a manter a busca pelo melhor, não só para si, mas para o povo. Alguns dos poemas do livro foram apresentados em Slams, o que indica que a voz é o caminho. Empunhar a voz, acabar com o silêncio; as ameaças são muitas, mas não “abalam a nossa fé”, continuar gritando é o caminho.

A poeta usa a data de seu aniversário como título de dois poemas: 12 de outubro de 1999 e 12 de outubro de 2014, no primeiro ela afirma: eu fazia 6 anos/ e o mundo 6 bilhões de seres/ desumanos. No segundo: somos escuros/ como a noite boa. Os dois poemas de “aniversário” falam da dor de ser um povo não próspero (quem nos fez assim?), da escravidão, do colonialismo, do saber ancestral. São poemas de memória. Estão os dois na primeira parte do livro. É o peso da verdade crua, da realidade de um país que não é valorizado e não valoriza o seu povo; das mulheres que resistem, de lutar contra as injustiças. Foi nessa resistência que Bell Puã foi campeã do Slam BR - 2017, como já comentado (Figura 10).

Figura 10 Final do Slam BR 2017



[Slam BR 2017 - Final] Bell Puã - Tú no puedes comprar mis dolores - Legendado

Fonte: *Print* do vídeo do *Slam BR 2017*
https://www.youtube.com/watch?v=Te7cJ_-3TxU
 Acesso em 18 dez. 2023

Puã chega ao seu público com uma linguagem que não se restringe, com a fala que é das ruas, do povo. E, sem restringir, alguns de seus escritos não têm pontuação, não há restrição na escrita, na poética das palavras.

sou planos inacabados deixados à beira da estrada sou
 carta de amor em garrafa que vaga em alto mar pra ja-
 mais ser encontrada sou tiro de arco ea flecha avoando
 desorientada impulsionada por dúvida sonho instiga
 sou erro que só a gota mais vez outra acerto a mira
 (Puã, 2019, p. 83)¹⁹

Nesse sentido, a poesia tem o peso: “o que vou pensar de mim?”. A poeta tem essa necessidade de falar sobre os temas que já comentei fazem com que sua literatura seja representativa de uma literatura de autoria feminina negra brasileira. O Brasil está na sua voz e na sua escrita. E nada ameaça sua fé, a voz de continuar a falar. É preciso pesar a voz no Peso e Contrapeso, manter o ritmo e largar a poesia ao mundo.

3.3 ANA E BELL: BROTOS QUE FURAM O ASFALTO

Os livros *Pequenos grandes lábios negros* e *Lutar é crime* se caracterizam por possuírem uma linguagem contemporânea periférica, conversam com a margem, não só o estilo, mas a fala e sobre o que se fala; sendo uma literatura da linguagem cotidiana, da

¹⁹ Outra vez, optei por manter o formato do poema no livro, respeitando a escrita da poeta os versos têm o mesmo tamanho, como se a linha ou a folha acabasse ali.

denúncia de injustiças, do racismo, do sexismo, do feminicídio. Poesia com e para o povo, que não é o padrão de beleza esperado; essa diferença que cresce.

Quando entendi que o padrão de beleza
 não esperaria a vez do crespo e da cor escura
 revidei com gentileza ao meu rosto e corpo
 e até hoje o padrão tão branco e excludente
 aguarda minhas inseguranças (PUÃ, 2019, p. 76)

O cabelo é fator importante para a mulher negra. Segundo Grada Kilomba (2019), o olhar para o cabelo negro, que foi chamado muitas vezes de “ruim”, é uma forma de controle e apagamento; obrigar a manter um padrão de cabelo que é o padrão branco europeu, cabelo liso (sempre que puder, loiro). Dessa forma:

o cabelo tornou-se o instrumento mais importante da consciência política entre africanas e africanos da diáspora. Dreadlocks, rasta, cabelos crespos ou “black” e penteados africanos transmitem uma mensagem política de fortalecimento racial e um protesto contra a opressão racial. (Kilomba, 2019, p. 127)

Tanto Ana dos Santos quanto Bell Puã sabem o quanto o cabelo é político e trazem uma mensagem, como diz Kilomba, de “protesto”:

passei escova no cabelo
 depois de alisar de chapinha
 ...
 mesmo assim fui perguntada
 se meu lugar era na cozinha
 (Puã, 2019, p. 39)

As eu-líricas mostram que seguir o padrão não muda o olhar racista, o cabelo e seu uso é um ato político, ou obriga ao apagamento, ou a mostrar a força de manter um cabelo, não seguindo a “forma de controle e apagamento dos chamados “sinais repulsivos” da *negritude*. (Kilomba, 2019)

Os poemas revelam uma crítica social e política de uma realidade tão brasileira. A vida de homens e mulheres, sua luta diária pela sobrevivência. A história do Brasil, desde o descobrimento a escravidão, até as mazelas dos dias atuais. Essas poetisas sabem sobre o que falam da discriminação sofrida por todo o povo colonizado brasileiro, que só mudou o nome, sendo os problemas os mesmos. A memória é cara para o povo, necessária, mas que lembranças esse povo tem se apenas uma elite pode contar sua história? Na poesia, as autoras

reclamam para que essa história seja contada tal como foi e não como um conto de fadas, não houve final feliz para os povos explorados.

Alguns poemas possuem uma rima que marca a musicalidade da escrita para ser lida, feitos para a voz. Outros versos possuem algumas rimas, aliterações e assonâncias, marcas da poesia cantada, contada e que encanta.

A maioria dos poemas de Santos e Puã são de verso livre, como querem que seja o povo brasileiro. As rimas muitas vezes são internas ao verso ou se fazem com a leitura e necessitam da entonação. A criação poética provém da fala; é na voz que se expressam, o livro foi algo que surgiu após, assim como a literatura, como as histórias e memórias que surgiram primeiro contadas e depois escritas.

A linguagem é clara, mas nem por isso simples. Bell, em uma de suas poesias, diz: “de que adianta/ter fala bonita/ se só quem entende/ é uma gente/tão restrita?” A poesia de Bell explica que a linguagem restringe e as mentes restritas querem esse refinamento para realmente elitizar os conhecimentos. Ana dos Santos lembra, em um de seus poemas, o feito de saber ler e escrever, que já seria uma grande vantagem olhando para toda nossa população.

Nossas poetisas, como contemporâneas que são, usam a linguagem que é do povo, que se aproxima com as mulheres negras, que faz na fala a identificação com o poema, com a eu-lírica que vivencia os sentimentos, as agruras poetizadas nos livros pesquisados. A eu-lírica dos poemas discursa muitas vezes como denúncia, não é um poema para apenas alguns eleitos, ou talvez seja, para os que saibam compreender a poética. Poesia não é inalcançável, ela está nas ruas, nos *slams*, nos saraus e futuramente, pode ou não, ir para os livros.

A poesia é para todos, sem se preocupar com juízos de valor, esse valor ocidental. Essas mulheres escrevem e poetizam suas vidas e de outras mulheres, não restringem através da poesia, e sim agregam ao coletivo, principalmente quando participam de algum evento levando sua escrita através da voz. Pois, como afirma Eagleton sobre a literatura:

...os juízos de valor que a constituem são historicamente variáveis, mas que esses juízos têm, eles próprios, uma estreita relação com as ideologias sociais. Eles se referem, em última análise, não apenas ao gosto particular, mas aos pressupostos pelos quais certos grupos sociais exercem e mantêm o poder sobre outros. (Eagleton, 2006, p. 24).

Percebe-se a existência dessas ideologias sociais, principalmente quando se fala em poesia, que é vista inalcançável e por isso não atinge um grande público leitor. E, como nos diz Puã, a fala restrita é para poucos, a poesia precisa ser para muitos, então, usa-se a fala do

povo, para o povo. O *slam* tem esse diferencial, gírias e falas periféricas aparecem nos poemas.

Tanto Ana dos Santos como Bell Puã falam do capitalismo e seus males, sobre essa forma nova de escravidão pelo trabalho. Ana dos Santos deixa bem claro o tema do trabalho escravizante no poema sobre o menino engraxate, mas a escravidão pelo trabalho aparece em vários poemas do livro. Bell também trata do tema por todo o livro, mas em *Clandestinidade* o tema fica mais aberto. Aparece o trabalho que não é digno e não é visto, os seres que são silenciados, tratados como lixo pelo capitalismo no mundo. E mesmo o trabalho infantil, das crianças que não possuem a mesma oportunidade e precisaram começar nesse mundo do trabalho “escravo” ainda muito cedo.

hierarquia

os seguintes funcionários
oferecem serviços
de encanador, Zé
de marceneiro, Ivo
de mecânico, João
assinado o síndico
Antônio Ferreira de Mello Albuquerque
(Puã, 2019, p. 17)

Em “hierarquia”, Puã mostra os trabalhos não considerados tão dignos, visto que os trabalhadores são nomeados sem muita pompa. É assim mesmo: no capitalismo, quem mais trabalha, quem usa o braço para os serviços, não se torna digno nem do sobrenome no recado do prédio, que vira poesia de resistência no olhar criativo da poeta.

Bell Puã, assim como Ana dos Santos, bebeu das fontes de outras negras mulheres, e também parafraseia Elza Soares, quando diz “a carne mais barata é a minha”. As duas poetas sabem da relevância da poesia, da voz que fala, e não se deixam emudecer.

A temática que perpassa a poesia das autoras é quase a mesma, como expoentes da poesia negra brasileira contemporânea, obviamente, alguns temas são mais relevantes a estas poetas, suas escrevivências transparecem nos poemas, nos versos ditos, escritos.

Nesse conjunto de temas, a solidão da mulher negra aparece em todas as partes do livro de Ana dos Santos. A mãe está só, gerando seu filho, no seu gozo, no seu amor, é a mulher que não foi amada, que sofre e morre mil vezes (a cada mulher morta de forma insana em nossa sociedade). O tema da solidão se faz mais presente no livro de Santos, em *Lutar é crime* há uma solidão, mas que não impacta tanto. Vemos nos dois a mulher empoderada que não vai esperar pelo patriarcado, não vai esperar a moda favorecer a sua cor. Vai lá e luta,

esbraveja, denúncia, revolta-se com todo o sistema-mundo-capitalista que faz dos corpos femininos, dos corpos pobres, dos corpos das crianças, algo insignificante, pronto para o trabalho e seu bel prazer.

Percebo em Ana dos Santos uma melancolia maior, uma desesperança sobre a realidade do mundo e do Brasil. As duas poetisas escancaram, denunciam e falam dos crimes cometidos contra o povo negro, contra as mulheres negras, contra pobres, contra indígenas, contra crianças. Diante de tantas atrocidades, como se manter otimista? Sua literatura é emancipatória; falam de amor, mas sabem que o amor não é flor apenas, é também espinho.

São mulheres reais, sua poesia é real, fala da vida cotidiana, das conversas ouvidas, da experiência vivida, do mundo ao seu redor. Mesmo com toda essa luta, essa mulher que não quer mais ser boazinha, quer mais que os racistas se explodam, cansada do mundo como está, ainda vê espaço para esperança, para o amor. A flor desabrocha e é jasmim.

Vejo em Bell que a autora ainda acredita que podemos mudar, é uma esperança, que podemos através da educação, da poesia, evoluir, somos seres aprendentes e tanto o amor como o ódio podem ser aprendidos. Podemos desmistificar as informações que recebemos constantemente da mídia, o ódio diário que é mostrado, produto de uma população colonizada, ainda subalterna, marginal, largada a parte por uma elite que pretende se manter no poder com essa continuidade:

O caminho do ódio é um caminho com volta
 lembra de si anos atrás é levar um susto por já ter sido capaz de
 ocupar a mente com julgamentos sucessivos olha como
 ele fala errado como ela tem coragem de usar esse ves-
 tido não existe preconceito existe vitimismo ser gay só
 se não der muita pinta violência é a grande chave para
 nossos problemas mas a despeito de todo veneno que
 nos toma através do sistema

o caminho do ódio é um caminho com volta
 (Puã, 2019, p. 70)

Do mesmo modo, Ana dos Santos, começa seu livro com os poemas eróticos, iniciando essa escrita, como já refleti anteriormente, falando do corpo da mulher que sempre foi para o prazer do outro e agora era para o seu, só seu prazer- , para não deixar dúvidas de que essa mulher negra é dona do seu querer; mas também é flor, possui o dom da escrita e sabe o processo. Não vejo nos seus poemas uma preocupação com o que vão pensar da mulher que escreve sobre seus desejos, o mais fascinante na sua literatura é não se importar com o que vão pensar.

Já em Bell, temos o poema:

E agora
o que vou pensar de mim?

É o julgamento que a própria eu-lírica se faz quando se olha nessa sociedade, quando vê os atos que são praticados, as falas são feitas e se pergunta: nesse momento o que eu vou pensar? Preciso mudar? Que podemos mudar? A eu-lírica se depara com essa realidade que é subjetiva; não é o que os outros vão pensar, a sociedade, o que importa é o próprio ser, sua consciência. Nisso engloba ser mulher que escreve e luta, ser negra que enfrenta o racismo, ser escritora que publica. “O que vou pensar de mim?” Abarca, ademais, o que vou pensar se não fizer e não mudar e não acreditar; acreditar nessa mudança, não ser mais o ser que estava no caminho do ódio. O caminho tem volta, há como ensinar, educar, escrever e divulgar o caminho sem ódio.

O livro de Bell encerra com o poema:

nenhuma ameaça
de bala
abala
nossa fê

Ou seja, a violência existe, a ameaça a luta é real, acontece, nas ruas, nas esquinas. O grito de luta é contido à bala. A bala que mata mais negros e pobres no Brasil, a bala que surge na periferia, não nos bairros finos. O olhar calibre 38 atira para matar (Santos, 2020)

Essa luta deve continuar inabalável. A poesia continua viva, a voz, a escrita não serão caladas. Mesmo o caminho sendo longo e árduo, ele precisa ser trilhado.

Nesse sentido, o quilombamento é uma possibilidade de (re)encontro de iguais, na resistência própria que nos remete o vocábulo, reunir-se, fazer parte de um todo potente, seja nos saraus ou *slams*, torna possível essa caminhada. Conforme Nascimento (2021) reunindo-se para ocupar “espaços com seu corpo físico (território existencial) reproduzindo o modo dos antigos quilombos”. A palavra quilombo, ressignificada, continua marcando os ambientes das cidades; os locais seguros para expressão artística dessa mulher, como já comentei anteriormente

CONSIDERAÇÕES FINAIS: O AMOR VEM VENCENDO ESSA GUERRA

Vejo que a escrita dessa literatura de luta, de pertinácia, muitas vezes pede a oralidade e “o grito” que está na garganta. Esta é marca fundamental das autoras em questão, mas também de muitas mulheres escritoras, sobretudo as negras. Segundo Sales:

a linguagem poética da autoria negra se configura por ter um caráter plurissignificativo para harmonizar a arte da escrita feminina contemporânea e o conhecimento de mundo. Diante disso, identificamos algumas questões que fazem parte do modo como as poetisas negras constroem os seus versos: relações entre as poesias, a partir do sujeito lírico, com o momento histórico e cultural em que suas palavras se inserem. Articulando passado e presente a ancestralidade atua como uma categoria fundamental para esse sistema de pensamento. (Sales, 2021, p. 171)

Essa forma de pensamento que vai trazer para a poesia as escrevivências, as discussões, o olhar pelo social, o olhar para não apenas o que é seu, mas também para outras mulheres, outros acontecimentos que as atravessam é o que surge na escrita de autoria feminina negra brasileira. Bell Puã, por exemplo, usa sua data de aniversário em anos distintos como nome de dois dos poemas do livro e lembra das agruras ocorridas em cada data – 12 de outubro de 1999 e 12 de outubro de 2014. No primeiro, a eu-lírica fala dos seres desumanos, e do sofrimento da escravidão, e no segundo fala se pergunta: “quem fez de nós/povos não prósperos?” Essa é uma luta da decolonialidade e mais ainda da contrcolonialidade, do saber de si e dos outros, no falar do seu mundo, para o seu mundo e com a linguagem dos seus. Não adianta nada falar rebuscado e não ser ouvido; o falar como a “elite” é criticado nos poemas de Puã. Esse não falar rebuscado não significa, contudo, que as autoras não saibam usar a palavra, usam-na de forma certa.

As poetisas trazidas aqui são uma representação dessa mulher negra que resiste e usa “o papel e a caneta”, deixando gravada sua peleja e reivindicações. Poetas como Ana dos Santos e Bell Puã, que participam de saraus, *slams*, mostrando seu saber poético, seu estilo, sua linguagem partem, quando podem, rumo à escrita, para o registro de sua batalha, que é a atividade de escrever. O “quando podem” se deve ao fato da literatura escrita ser ainda cara, tanto publicar quanto comprar livros ainda se encontra no patamar elitizado por conta dos valores em questão. Como nos diz Ana dos Santos:

E, nós, irmã, nós que somos escritoras
quer queriam, quer não queiram
Nós, irmã, somos escritoras

e podemos mais!
 Você pode mais, né, irmã?
 Seja, mais, irmã!
 E não pare de escrever, malunga!
 (Santos, 2020, p. 69)

Num país como o nosso, no qual tudo é mais tardio, as dificuldades de fazer literatura e ser escritora são imensas. Um fazer não valorizado e pouco enraizado, talvez por isso o início na expressão pela voz, em coletivos, saraus, *slams*. A voz surge como enfrentamento, que só depois passa para os caracteres das páginas.

Também, em se tratando de um país colonizado, no qual o racismo e o patriarcado encontraram um berço para ficar, a poesia obstinada acaba por ser a saída, a expressão artística da qual não podemos nos eximir. A escritora, enquanto artista que faz parte da cultura do povo, irá falar dos temas inerentes a esse povo; de suas lutas e das vitórias; da poesia que grita nas ruas, que fala por nós.

Essa literatura traz a valorização da mulher negra, poeta, mãe, escritora, estudante, das mulheres que criam seus filhos na solidão “Sacrifício é sobrenome de mãe preta!” como diz Ana dos Santos. Mulheres valorizadas através da arte, da escrita se eternizam nas palavras propagadas; não aparecem mais como mulheres subjugadas ao patriarcado, a eu-lírica sabe do seu valor enquanto ser social.

As duas poetisas desnudam o mundo no qual vivem, fazem homenagem às mulheres que são vida, são flor, mas também sabem ser arma, “pauladas nos racistas” (Santos, 2020); “em tempo de solidão acompanhada/ desigualdade escancarada/ tá na hora do pau comer” (Puã, 2019).

A poética das autoras está enriquecida com sua criatividade, trazendo para a literatura brasileira a transgressão dos padrões identitários e sexistas e a busca por essa liberdade de gênero, raça e classe. Essa intersecção sofrida pelas mulheres negras não as impede de levar na voz e na escrita: a poesia a todos os cantos, aos saraus e aos *slams*, tornando a poesia viva e não apenas presa a uma leitura solitária. Chega de solidão, pois esta eu-lírica não teme o prazer e todo esse combate vem carregado de sensibilidade necessária para se ter poesia, mesmo numa luta escancarada.

Em termos de estudos literários, precisamos de aportes teóricos baseados em epistemologias outras que possam transmutar a poesia de autoria feminina negra brasileira, seja a decolonialidade ou a contracolonialidade, ou outras formas de pensar a literatura para que possamos falar da voz que surgiu antes da escrita e que não recebe o valor devido. Precisamos de um olhar outro que abarque essa literatura periférica brasileira

contemporânea: a fortuna crítica das autoras, das autoras negras brasileiras. Essa é uma literatura que surge nos coletivos, nos encontros, nos saraus e *slams* e só depois parte para o papel; e precisa ser investigada mais profundamente.

Essas poetisas foram trazidas para esta pesquisa primeiro pelo encantamento e, depois, pela relevância de sua arte como parte da poesia de autoria feminina negra, reinventando significados outros que trazem temas abordados abertamente, necessários a nossa sociedade, e desestabilizando as certezas da escrita e enriquecendo a nossa literatura. Com sua escrita transgressora, que fala sobre padrões identitários - ser negra no Brasil -, as poetisas conquistam um lugar nos movimentos que participam, o que mostra a força da poética de autoria feminina negra brasileira, essa poesia que veio para ficar e ocupar seu espaço na nossa literatura.

Tanto Ana como Bell trazem uma literatura combativa, mas que, positivamente, acredita na vitória pelo combate, o ódio pode ser mudado, a cultura pode ser ensinada, a história verdadeira pode ser lida, levada às escolas, às bibliotecas, ao público ainda não-leitor, às periferias, às rodas de prosa. O amor vem vencendo essa guerra, ainda bem, pois “o caminho do ódio é um caminho com volta” (Puã, 2019, p. 72) . “O amor é sábio/ o amor inclui” (Puã, 2019, p. 81); “Não parece,/ mas o amor vem vencendo essa guerra” (Santos, 2020, p. 47).

Se esse enfrentamento da poesia evidencia as discrepâncias sociais existentes; se as batalhas pelo feminismo e contra o racismo é crime, quem luta está condenado; condenado ao combate sempre, a resistir pela arte, pelo seu fazer. E “vai ser eterno” (Santos, 2020) porque a luta precisa sempre (re)existir. Como pessoas de um país subalternizado, estamos condenados a lutar ou fingir que nada acontece. Incluo-me no primeiro caso.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Editora Schwarz S.A, 2009.

AMARAL, Gabriel Góes do. **Literatura periférica**: terceiro momento da poesia a partir das ações do coletivo Controverso Urbano em Recife. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco, 2020.

ALMEIDA, Moíza Fernandes. **Das teorias à experiência**: alterações nas vozes do feminino em poetisas contemporâneas. In: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro PUC-Rio, 2012. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/30134/30134.PDF> acessado em agos 2023.

AMÂNCIO, Helder Pires. **De(s)colonizar o conhecimento, desmarginalizar os saberes e interligar as lutas políticas ao sul**. In: MORTARI, Claudia. WITTMANN, Luisa Tombini. (Org.) Narrativas Insurgentes: decolonizando conhecimentos e entrelaçando mundos. Selo Nyota, Coleção AYA, v. 1. Florianópolis, SC: Rocha Gráfica e Editora, 2020. (71-103)

ARAÚJO, Laura Emília. **Lutar é crime: figuras da decolonialidade e do antirracismo na poesia de Bell Puã**. In: MENDES, Algemira de Macêdo et al. A escrita de autoria feminina: memória resistência e decolonialidade. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/bitstream/123456789/5777/1/A%20ESCRITA%20DE%20AUTORIA%20FEMININA.pdf>, acesso em 04 jul. 2023 (167-180)

BONNICI, Thomas. **Aspectos da literatura pós-colonial**. In: BONNICI, Thomas O pós-colonilismo e a literatura: estratégias de leitura. Maringá: UEM, 2000.

CARDOSO, Cláudia Pons. **Feminismo negro e suas interseccionalidades**: o ponto de vista do movimento de mulheres negras brasileiras. In: SANTIAGO, Ana Rita et al (org). Descolonização do conhecimento: no contexto afro-brasileiro. Cruz das Almas/BA: UFRB, 2017. (126-132)

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: o poder da autodefinição. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.) **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar Bom Tempo, 2019 (270-310)

CORREIA, William. Slam Best regards 18: mais um capítulo da revolução falada. Voz da Comunidade, 2018. Disponível em: <https://www.vozdascomunidades.com.br/geral/slam-br-2018-mais-um-capitulo-da-revolucao-falada/> Acessado em 20 de fev. 2024.

CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DALCASTAGNÉ, Regina. **A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 19–0 - 2004**. Estudos de literatura brasileira contemporânea, Nº 26. 2011. Disponível em <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9077> acessado em maio 2023.

EVARISTO, Conceição. A escrevivências das mulheres negras reconstrói a história brasileira. Entrevista concedida à: Morgani Guzzo. **Catarinas**. Jul de 2021. Disponível em: <https://catarinas.info/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-das-mulheres-negras-reconstrói-a-historia-brasileira/> acessado em 11 de maio de 2024.

GAMA, Danielle Marcia Hachamann de Lacerda da. **Slam: a voz de dizer**. Cruz das Almas, BA: Editora UFRB, 2023.

GASPARETTO, Vera. SPECK, Débora. Tecendo conexões e aproximações entre feminismos africanos e latino-americanos. Revista eletrônica da ANFHLAC, Vol. 22, nº 32. Dossiê Especial América Latina-Moçambique, 2022 (119-151) Disponível em: <https://revista.anphlac.org.br/anphlac/article/view/4047>, acessado em 21 ago 2023.

GIGA TV. Slam BR 2017 (Final), Youtube: https://www.youtube.com/watch?v=Te7cJ_-3TxU maio 2018. Acessado em: jan. 2024.

GOLDEMBERG, Deborah. **Para além das imagens: ser escritora no Brasil**. In: GOLDEMBERG, Deborah et al (Org.). Um grande dia para as escritoras: autoras do Brasil mostram a cara. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2023. (164-173)

GUIMARAES-SILVA, Pâmela e PILLAR, Olívia. **A voz que incomoda a casa grande: a escrevivência de Conceição Evaristo e a desobjetificação dos sujeitos pesquisados**. IN: FREITAS, Viviane Gonçalves (Org.). **Intelectuais negras: vozes que ressoam / Organizadora Viviane Gonçalves Freitas**. – Belo Horizonte, MG: PPGCOM UFMG, 2019. Disponível em: <https://seloppgcomufmg.com.br/wp-content/uploads/2019/08/Intelectuais-Negras.pdf> Acesso em 04 jul. 2023.

FERREIRA, Amanda Crispin. MIGLIOZZI, Luiz Carlos Ferreira de Melo. Literatura afro-feminina brasileira do século XXI: corpo, voz, poesia e resistência. Anais XV ABRALIC, 2016. Disponível em: https://abralic.org.br/anais/arquivos/2016_1491524538.pdf acesso em 23 jul. 2023.

LITERATURA;RS. **Ana dos Santos**. Disponível em: <https://literaturars.com.br/tag/ana-dos-santos/> Acessado em 20 de fev. 2024.

LORDE, Audre. **Irmã outsider**. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

LORDE, Audre. **Idade, raça, classe e gênero: mulheres redefinindo a diferença**. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.) **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar Bom Tempo, 2019 (238-249)

LUGONES, María. Rumo a um feminismo decolonial. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.) **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar Bom Tempo, 2019. (357-377)

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MUZART, Zahidé. **Ascensão das mulheres no romance**. In: ARRUDA, Aline Alves et al (Org.) **A escrita feminina: aproximações**. Mulheres, 2011.

NASCIMENTO, Beatriz. **O conceito de quilombo e a resistência cultural negra**. In: RATTTS, Alex. *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Instituto Kuanza, 2006 (117-125)

NASCIMENTO, Beatriz. **A mulher negra e o amor**. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). *Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

NASCIMENTO, Beatriz. /RATTTS, Alex (Org.) **Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos**. Rio de Janeiro: Editora Schwarcz S.A., 2021. (264-268)

NÓS NEGROS. Como os lábios escuros se tornaram um ato de resistência negra. Disponível em:
<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/redacao/2022/03/08/como-os-labios-escuros-se-tornaram-simbolo-de-resistencia-negra.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 24 jan. 2024.

NUNES, Eduarda. **Coletivo Afronte e Afoitos**. Bell Puã embarca para representar o Brasil em campeonato internacional; 2018. Disponível em:
<https://afoitas.wordpress.com/2018/05/06/bell-pua-embarca-para-representar-o-brasil-em-campeonato-internacional/> Acessado em 20 fev. 2024.

PEREIRA, Ianá Souza. **Contos, depoimentos e memórias de escritoras negras brasileiras e moçambicanas**. In: Revista Crioula, nº 22, 2º semestre: 2018. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/153258/149877> Acessado em agost 2023. (14-38)

PRZYBYLSKI, Mauren Pavão. **Os slams de poesias de mulheres: vozes femininas decoloniais**. *Asas da Palavra*. v. 18. n. 2. | Jul./Dez. de 2021. (93-105)

PRZYBYLSKI, Mauren Pavão. SOUZA, Fabiana Oliveira de. **Dos espaços físicos ao Ciberespaço: o poetry slam em contexto pandêmico**. *Revista Terceria Marem*. V. 26, nº 49, 2022 (199-218). Disponível em <https://revistas.ufjf.br/index.php/tm/article/view/50557/29429> acessado em 18 agos 2023.

PUÃ, Bell. **Lutar é crime**. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

REDE SINA. **10 poemas de Ana dos Santos**. 2020. Disponível em: <https://redesina.com.br/10-poemas-de-ana-dos-santos/> Acessado em 20 de fev. 2024.

ROCHA, Lilian *et al.* **Sopapo Poético – pretessência**. Porto Alegre, Libretos, 2016.

RIBEIRO, Esmeralda. **Carta a Maria Firmina dos Reis**. In: GOLDEMBERG, Deborah et al (Org.). *Um grande dia para as escritoras: autoras do Brasil mostram a cara*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2023. (77-79)

SALES, Cristian Souza de. **Poesia negra brasileira de autoria feminina: assentamento de resistência**. Los Angeles: Los Angeles: Mester University of California, 2021. Disponível em: <https://escholarship.org/uc/item/3dg801xw> acessado em: 18 de jan. 2024.

SANTIAGO, Ana Rita. **Corpos (in)dóceis e saberes interculturais: mais um desafio à educação.** In: Narrativas insurgentes: descolonizando conhecimentos e entrelaçando mundos. MORTARI, Cláudia. WITTMANN, Luisa. (Org.). v. 1. Florianópolis, SC: Rocha Gráfica e Editora, 2020. (109-127)

SANTOS, Ana Paula Freitas dos. **Os contos de Conceição Evaristo e a representação da mulher negra:** diáspora, gênero e decolonização. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/225930> Acessado em 8 de jun. 2023.

SANTOS, Ana dos. **Pequenos grandes lábios negros.** Belo Horizonte: Editora Vieras Abiertas, 2020.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Pensar (d)as margens: estará o cânone em estado de sítio? In; 5º Congresso ABRALIC: cânone e contextos, anais. Rio de Janeiro, ABRALIC, 1997, V.1, p.287-291.

SLAM-BR 2017, Youtube Giga TV. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Te7cJ_-3TxU, acessado em 15 dez. 2023.

SOPAPO POÉTICO, Facebook do grupo. Disponível em: https://www.facebook.com/SopapoPoetico/followers?locale=pt_BR, acessado em 05 de agost. 2023.

SOUZA, Fabiana dos Santos. **Literatura afro-feminina brasileira:** uma forma de combate ao silenciamento e ao racismo. In: Altre Modernità, reviste di studi litterari e cultturali. Università degli Studi di Milano. Número speciale: di nuove e vecchie schiavitù: storie omínionio, lotte per la liberà: 2019 Disponível em: <https://riviste.unimi.it/index.php/AMonline/article/view/11328/10711>, acessado em: agos. 2023. (107-121)

SILVA, Ana Rita Santiago da. **Literatura de autoria feminina negra:** (des)silenciamentos e ressignificações. V. 2, Nº 1. Vitória da Conquista: Fólio Revista de Letras. Jan/fev de 2010. (19-37)

SILVA, Ana Rita Santiago da. **A literatura de escritoras negras:** uma voz (des)silenciada e emancipatória. In: Interdisciplinar: revista de estudos em literatura. Ano 5, v. 10, jan-jun de 2010 Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/interdisciplinar/article/view/1264> Acessado em jan 2024. (175-188)

SLAM NO FACEBOOK. Disponível em: <https://www.facebook.com/brasilpoetryslam>. Acessado em 20 fev. 2024.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Ed. UFMG: Belo Horizonte, 2010.

TENNINA, Lucia. **Formas de unión de las escritoras del Movimiento de Literatura Marginal Periférico de la ciudad de São Paulo.** Scielo. v. 22. n.2. Ciudad Autónoma de Buenos Aires dic. 2016.

TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato. SALOM, Julio Souto. FONTOURA, Pâmela Amaro. **Sopapo Poético**: sarau de poesia negra no extremo sul do Brasil. Revista Estudos de literatura contemporânea, nº 49. p. 153-181, set/dez, 2016.

ZOLIN, Lúcia Ozana. **Mulherio das letras: escrever, resistir, existir**. Abril; 9, 2020, (57-71) Disponível em: <https://raco.cat/index.php/Abriu/article/view/376296> acesso em 29 jun. 2023.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Editora Hucitec. São Paulo, 1997.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção e leitura**. Cosacnaify: São Paulo, 2010. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4271859/mod_resource/content/1/ZUMTHOR.pdf
acessado em 17 de maio 2024.